



Policial de Jardim

Garden Cop

Diana Palmer

As faíscas voam em “O Policial de Jardim” de Diana Palmer, quando o agente do FBI, Curtis Russell, espia o que parece ser uma substância ilegal crescendo abundantemente no jardim de Mary Ryan. Ele nunca esperava se apaixonar pela jardineira!

Os agentes da lei retornam em “O Policial de Jardim” de Diana Palmer, na curta história de férias do agente do FBI Curtis Russell.

Ele entra em atrito com a bonita vizinha de sua mãe quando a acusa de plantar maconha e quase consegue que ele mesmo seja preso por destruir uma de suas plantações de tomates. Depois, ele e a suposta jardineira, que descobre ser a promotora Mary Ryan, patrulharão o bairro juntos em uma séria, mas, desajeitada, tentativa de achar uma testemunha federal perdida. Com sua genialidade ímpar e mistérios alegres, - O Policial de Jardim — está muito gratificante desde o princípio.





Comentário da Revisora Rosilene: Quem acompanha a série vai perceber que o personagem dessa história aparece no livro de Marc Brannon (A Última Chance), então acho que este livro viria logo após... Aqui, o agente continua tão atrapalhado como sempre, e não tão inteligente também... O livro é interessante, mas faltou um pouco mais de romance... Algumas partes (como as frequentes discussões entre os dois) são engraçadas, mas não é um livro que prende.

Comentário da Revisora Sonia: Sinceramente, este livro, para ser da DP, deixou a desejar. A história é muito ingenuazinha, os protagonistas só têm tempo para o amor quase ao final do livro, pq ficam metidos em umas histórias policiais...

*Para Joan Johnston.
Ela e eu realmente cantamos com os marinheiros em uma conferência que freqüentamos em
Atlanta, mas ela fez isto melhor!*

Capítulo 1

A mulher era descarada. Não podia ter escolhido um lugar mais público para deixar crescer a plantação de maconha. Ela estava bem na rua principal na pequena cidade do norte da Geórgia, à direita de um vão da estrada estadual. Era como se ela estivesse desafiando a polícia para que fizesse algo a respeito. Mal sabia, é claro, que Curtis Russel, agente do FBI, estaria visitando sua mãe que morava justamente em frente a esta mulher cínica e sua plantação ilegal.



Só porque ele estava de férias, não significava que ele fingiria não ver que a lei estava sendo burlada. Acabara de sair de um grande caso de assassinato em Santo Antônio, e tornara-se, recentemente, um membro do FBI. Mal podia esperar por seu primeiro caso real.

Seus olhos escureceram e se estreitaram enquanto olhava pela janela de sua mãe, que dava direto para a rua, onde a maconheira Mary estava colocando fertilizante na sua plantação. Tinha que admitir que ela estivesse muito bem vestida com bermuda bege. Ela tinha uma pele bonita e bem bronzeada e braços perfeitos.

Vivia sozinha em uma casa pequena de aluguel, e dirigia um desses novos Volkswagen de cor verde, conversível. Perguntou-se o que ela fazia para ganhar a vida. De acordo com sua mãe ela tinha se mudado há somente três meses. O tempo exato de plantar a maconha e fazer a colheita. Estava plantada em uma fila ordenada da mesma altura das flores roxas. Curtis, não era jardineiro, portanto não tinha nenhuma idéia de que flores eram, com exceção da maconha. Já tinha visto em fotografias.

– Curt, acredito que você esteja apaixonado por esta mulher bela e jovem do outro lado da rua – sua mãe falou divertida, enquanto preparava um purê na cozinha.

– Por que acha isso? – perguntou bruscamente.

– Porque você passou os últimos três dias olhando para ela pela janela, – foi a resposta zombeteira.

– Não é paixão – disse com puro desgosto.

Ele levantou seus 1,80 da poltrona onde estava e esticou preguiçosamente os músculos tensos, ondulando-os em seu peito largo antes de entrar na cozinha, onde sua mãe estava trabalhando no balcão. – Sabe o nome dela? – perguntou esperançoso.

– Mary Ryan, respondeu ela. – E não sei mais nada sobre ela.

– De quem é essa casa?

– Greg Henry – ela lhe respondeu – Por quê?

– Por nada – e puxou uma cadeira da cozinha para se sentar. Vestia jeans e uma camiseta branca, seu cabelo escuro rebelde, seus olhos castanhos sorrindo para sua mãe. Tinham sido só eles dois desde que fizera seis anos, quando seu pai morreu de um ataque súbito do coração. Sua mãe tinha trabalhado em dois empregos só para sustentá-los, trabalhando em tempo integral como repórter para um jornal e fornecendo material *free-lance* para uma revista regional do distrito.

Curtis entregara jornal quando tinha dez anos, e fez alguns outros trabalhos avulsos para ganhar um pouco de dinheiro extra. Quando fez dezesseis anos começou a trabalhar depois da aula para aliviar um pouco a carga financeira dela. A única coisa de que não tinha gostado sobre o trabalho do Serviço Secreto que tinha tido antes, e o trabalho do FBI que tinha agora, era que ficava longe de Matilde Russell. Porém, ela tinha seu trabalho na igreja e seu círculo de amigos, e sua mãe não era muito apegada. Na verdade, ela ainda desempenhava uma função estranha para seu velho jornal, mas não eram notícias. Apesar de que ela parecia saber um monte de coisas que não estavam no papel. Ela tinha contatos em todas as partes, nos mais surpreendentes lugares, em ambos os lados da lei.



— Continua saindo com aquele maldito juiz? – perguntou de repente.

Sua mãe, uma pequena mulher de cabelos prateados como um duende, e com olhos escuros maliciosos, sorriu calorosamente. – Ele não é maldito, – disse amavelmente, transferindo as batatas de uma tigela à outra. – Além disso, ele foi correto. É um professor de universidade agora.

— Imagine só! – ele falou da mesa. – Ensina o que?

Ela franziu os lábios. – Ética.

Ele quase se dobrou de tanto rir.

— Está brincando – acrescentou ele, enquanto colocou a última parte de seu almoço ainda quente, sobre a mesa e foi buscar os talheres para os dois.

— Ele é professor de justiça penal.

— Isso continua sendo irônico.

— Muitos jovens se metem em problemas em alguma ocasião, – ela apontou e lhe dirigiu um olhar que apontava como deveria dispor os pratos em dois lugares. Trouxe as xícaras e a garrafa que continha o café, e acrescentou um *spray* de creme e um açucareiro que pôs sobre a toalha de renda barata.

— Pelo menos eu tive a decência de arruinar minha própria casa, em vez da de um estranho, – disse com um sorriso triste.

— E o bom senso de reconhecer que amigos que usam drogas podem nos causar problemas – lembrou.

Ela suspirou e estudou seu filho único. – Nunca fiquei tão assustada na minha vida como quando você estava envolvido com esse problema e estivemos diante de um juiz com seu advogado – falou sombriamente. – Eu tinha feito cobertura para o jornal durante dez anos de histórias relacionadas a drogas. Foi terrível ver de tão perto.

Ele se levantou e a abraçou amorosamente. – Nunca mais me meti em encrencas – ele a recordou com um beijo. – Agora eu capturo as pessoas que fazem isso, – completou.

— Você anda atrás de tipos muito mais velhos que adolescentes que experimentam drogas – ela respondeu, segurando-o pelos braços. – Estou muito orgulhosa de você. Foi um trabalho de primeira o que fez em Santo Antônio, ajudando a encontrar e devolver esse *hacker* da América do Sul à justiça do Texas. Até mesmo o fiscal geral do Estado o elogiou.

Ele deu de ombros. – Bah, não foi nada, – ele disse arrastando as palavras.

Ela bateu suavemente em seu braço e foi sentar-se. Basta olhar a sua volta-, ela advertiu. – O pior é ficar pensando que talvez tenha que se lançar na frente de uma bala de algum visitante ilustre, – disse, se referindo à sua função anterior no Serviço Secreto. – É pior do que ficar trabalhando nos casos de homicídio.

— Por que é pior? – provocou-a.

Ela se inclinou para ele. – Porque eu estou aposentada! Você pode imaginar a conveniência que isso seria se eu ainda fosse uma repórter?

Ele sorriu. – Sempre poderá sair de seu comodismo e escrever notícias no lugar desses seus artigos sem importância sobre as abóboras gigantes de alguém.

— Boa idéia.



— Além do mais, – lembrou, – ganho muito mais dinheiro no que faço agora. Não se podia discutir isso.

Comeram num companheirismo silencioso durante alguns minutos.

— Na realidade, por que está observando a garota do outro lado da rua? – perguntou de repente. – Sabe algo que eu não sei?

— Ainda não – confessou. – Mas me dê um tempo.

No dia seguinte, ele foi ver Greg Henry em sua imobiliária. E o questionou sobre a nova inquilina.

— Ela está com problemas com a lei? – Greg perguntou bruscamente, porque toda a cidade sabia como Curt ganhava a vida.

— Como vou saber? – Curt perguntou, levantando as mãos. – É por isso que estou querendo saber dela.

— Ela nasceu em Ashton, uma pequena cidade ao sul de Atlanta, – disse, folheando um arquivo. – Ela tem um crédito excelente, referências de algumas pessoas estranhas, mas elas foram comprovadas.

— Que tipo de gente estranha? – foi a pergunta abrupta.

— Um dos fiadores de sua personalidade é um ex-revolucionário de um país do terceiro mundo. O outro é um ministro de uma igreja protestante muito importante em Atlanta, que, a propósito, está na televisão todos os domingos. E o terceiro é um apresentador muito famoso de televisão, que era chefe de redação de um jornal em Chicago.

Curt ficou perdido com essas palavras. A mulher se tornou ainda mais misteriosa agora que ele sabia um pouco mais sobre ela.

Percebeu que Greg não lhe diria mais nada sobre a profissão dela quando ignorou suas perguntas de sondagem, embora estivesse sorrindo de maneira estranha. Então, Curt lhe agradeceu com um sarcasmo mal contido e vagou pelo centro da cidade até a delegacia de polícia local.

O chefe de polícia da cidade, Jack Mallory, tinha sido seu colega no último ano do segundo grau. Eles apertaram as mãos e Jack riu quando ele descobriu o que Curt fazia para viver.

—FBI, hem?— O outro homem disse, balançando a cabeça. – Eu nunca pensei em você como Agente Federal. Você não é muito ortodoxo.

—Eles gostam dos não-ortodoxos – ele respondeu com um sorriso. – Pergunte a qualquer um.

Mallory franziu os lábios. – Você não estava no Serviço Secreto? – Ele meditou em voz alta. – E não houve algum tipo de escândalo sobre você, que você teria sido enviado para o Okefenokee¹ para proteger o vice-presidente?

— Eu fui voluntariamente!— Curt disse brevemente. —Eu amo pântanos!

Jack sorriu. – É verdade?

¹ Pântano localizado no Estado de Geórgia – EEUA, que além de ser um dos maiores do mundo, também é considerado uma das sete maravilhas naturais daquele Estado.



— Isso não vem ao caso. Escute, existe uma mulher do outro lado da rua de minha mãe que tem plantas ilegais crescendo no jardim, — ele adicionou. — Bem na estrada, pelo amor de Deus!

Jack agora ficou sério. — Que tipo de plantas ilegais?

— Agricultura do terceiro mundo - respondeu secamente.

Jack pegou seu chapéu. — Vamos lá ver.

Curt foi com o chefe de polícia em sua viatura sem sinalização. Eles pararam na calçada de Mary Ryan. Ela se levantou da posição ajoelhada que estava, com sujeira nos joelhos e com seu rosto coberto das sujeiras das ervas daninhas. E deu uma olhada curiosa no carro de polícia, mas não pareceu preocupada.

— Chegou muito atrasado, — ela falou a Jack. — Eu confessei o excesso de velocidade na semana passada e eles me deram uma advertência.

— Não se trata de excesso de velocidade, — Jack disse. Ele olhou para o canteiro, atrás dela e falou. — Eu realmente tenho que dizer a você para arrancar aquilo, e o por quê?

— Mas são somente...! — Ela começou.

— São ilegais. E você sabe disto.

Ela lamentou: — Mas são tão bonitos — Ela suspirou, seus olhos castanhos grandes e comoventes. — E eu os plantei desde as sementes.

— Lei é lei. Não me faça enviar homens aqui para arrancá-los para você.

— Certo, — ela disse, saudando-o. — Eu farei o trabalho sujo. Mas eu nem sei como processá-los — ela continuou.

— Nem nenhum de nós, — ele confessou. — Mas ainda assim são ilegais. Se você não acreditar em mim, confirme com Jeanette, — ele adicionou, movimentando a cabeça em direção a uma casa duas portas abaixo. — Nós a fizemos arrancar as delas, também.

— Eu farei isto, — ela disse intensamente. Ela olhou fixamente para Curtis Russell e franziu o cenho. — Ele fez você vir aqui, não foi? Eu o notei de pé na janela da sala de sua mãe, me observando. Ele é uma espécie de Policial de Jardim?

Jack cobriu seu rosto com as mãos, mas Curt não achou divertido.

— Você quebrou a lei — ele disse lacônico. — E o fez descaradamente. Eu sou do FBI, — ele adicionou deliberadamente.

— Sim. A Agência Flor de Investigação². — Ela sorriu com altivez.

Ele não estava se ruborizando, ele não estava se ruborizando, ele não estava...

Ele entrou no carro da polícia e bateu a porta com força. E se recusou a olhar para ela. Isso não a perturbou. Ela ainda estava sorridente quando Jack, sufocando o riso, saiu de sua garagem.

Não levou muito tempo para sua mãe saber do ocorrido. Ela entrou no cômodo onde ele estava assistindo televisão à noite e sentou ao lado dele no sofá.

— Você agora trabalha para o DEA? — Ela perguntou.

² Uma alusão à sigla FBI, devido à sentença do original, em Inglês, "Flower Bureau of Investigation"



Ele lhe lançou um olhar. – Como?

— Fazendo mulheres arrancarem flores. Honestamente!

— Não eram flores, – ele assinalou. – Era maconha.

— Você está certo sobre isto? – Ela persistiu.

— Eu vi retratos disso – ele respondeu de volta.

— Julie Smith tem um pequeno jardim Japonês em sua casa. E ele está bastante desprovido agora porque um idiota disse a um amigo que era maconha. Os adolescentes entraram sorrateiramente em seu jardim de noite para arrancar folhas para fumar. – Ela sorriu.

— Eu adoraria saber que efeito fumar folhas de fumo causa neles.

Ele riu, também. – Certo, talvez tenha me enganado. Mas ela não negou isto, e Jack também reconheceu o que era. Ele disse a ela que era ilegal e que ela teria que cortar até o talo.

Ela agitou sua cabeça. – Eu não sei como eu vou enfrentar Mary novamente, – ela disse com um suspiro.

— Você não a seguiu, eu sim – ele lembrou a ela. – Além disso, todo mundo gosta de você.

— Isto é porque eu tenho senso de humor, – ela disse, dando a ele um olhar significativo.

— Eu também tenho senso de humor, – ele informou a ela.

— Certo. – Ela levantou e o deixou com seu programa de televisão.

Ele levantou na manhã seguinte, tomou café da manhã, e foi descalço, de calça jeans e camiseta, para a porta da frente pegar o jornal.

Ele olhou do outro lado da rua e seu temperamento explodiu.

Aquelas plantas de maconha malditas ainda estavam lá!

Ele não pensou. Marchou direto para o outro lado da rua e arrancou a primeira planta que viu para fora do chão.

— Você, pare com isto! – Veio uma voz furiosa de dentro da casa.

Um minuto mais tarde, uma loirinha parecendo um tornado surgiu de fora da porta lateral em um roupão de banho branco, apressadamente em direção a ele. Ela estava descalça, também, e mesmo o chão estando áspero, manteve o passo.

Ele começou a falar. Na velocidade que vinha acabou chocando-se com ele, agarrando a planta que estava em sua mão, e conseguindo derrubar a ambos no chão. Eles rolaram ao redor na sujeira, lutando pela posse do vegetal.

— Você me... dê... isto! – Ela exclamou, e o esmurrou duramente no estômago.

Ele passou seu braço por detrás dela e a manteve no chão, respirando tão irregularmente quanto ela. Ela tinha a pele muito bonita, ele pensou rapidamente quando olhou para baixo e a viu. E sua boca era simplesmente perfeita...

Ela o chutou. Ele gemeu e, enquanto estava debilitado, ela aproveitou para tirar seu corpo do seu alcance, erguendo-se e dando alguns passos para trás, furiosa.



— Não toque em minhas plantas! Isto é transgressão. É vandalismo. É assaltar meus tomates! Eu te levarei perante um juiz antes de você possa dizer “processo criminal”! – Ela o ameaçou.

— Eu gostaria de ver isto – ele disse sarcasticamente quando chegou perto dela e a enfrentou. Sua camiseta branca, imaculada, agora estava listrada de marrom e branco, e sua calça jeans tinha manchas de lama. Tinha chovido na noite anterior.

— Gostaria? Bem, então você vai ver! – Ela pegou um celular do bolso e discou um número.

— Oi, aqui é Mary Ryan, moro no Bulevar Cherry, nº 123. Tem um vândalo aqui. Ele está destruindo minha propriedade! Eu fiz a prisão deste cidadão e eu quero que você envie um carro de polícia para levá-lo, agora mesmo!

— Envie um para ela, também, ela tem maconha crescendo em seu jardim! – Ele gritou no telefone.

Ela fechou o telefone e deu a ele um olhar fixo chocada. – Eu não tenho!

— E isto em sua mão? – Ele argumentou.

— Isto? – Ela levantou a vegetação arrancada. – Isto é uma de minhas plantas premiadas de tomate que eu semeei!

Ela lhe deu um olhar cáustico. – E se você não sabe diferenciar entre uma plantação de tomate e uma de maconha, você devia deixar as detenções de drogas para os especialistas!

Ele se esticou em toda sua altura. – Eu trabalho para o FBI, – ele reiterou.

— Oh, que sortudos, – ela contemporizou. – Espere até que eles vejam as manchetes de amanhã!

— O oficial de polícia disse para que você arrancasse aquelas plantas ontem, – ele continuou, se odiando por perder terreno com ela.

— Ele disse e eu o fiz, – ela quase gritou. – Eu arranquei Papoulas³. Papoulas, Sr. Agente Importante do FBI, não maconha!

Ele comprimiu os lábios. Ela souou como se ela estivesse certa que era a verdade. Ele olhou seu jardim.

As flores tinham sido arrancadas e empilhadas por fim, em uma fila. Ela disse que ele tinha arrancado uma muda de tomate. Não podia ser verdade.

— Espere só até que eu te leve a um tribunal, – ela continuou, embalando sua planta quebrada. – Minha pobre muda de tomate. Eu tirarei seu distintivo por isto!

— Você e qual exército? E o que você faz para viver, se é que se pode perguntar? – Ele questionou de volta.

— Eu sou uma promotora do município vizinho, – ela disse com puro prazer.

O rosto dele ficou lívido. – Você está brincando.

— Você desejará que eu esteja, – ela respondeu. – Eu vim de Ashton para cá, onde eu trabalhava com assistência jurídica, para assumir meu novo trabalho. Eu esperava que fosse um passo adiante. Rapaz, eu estava errada! Parece que me mudei para *Stupidville*⁴.

³ Planta herbácea, da família das papaveráceas (*Papaver somniferum*), de grandes flores coloridas, que cede látex e da qual se extrai o ópio.



— Eu não sou estúpido!

— Assassino de tomates! — Ela acusou.

— Não parece ser uma maldita planta de tomate! — Ele gritou de volta.

Eles não notaram que os vizinhos estavam saindo de suas casas, para seus jardins. E também não perceberam que o carro de polícia parou na calçada.

Foi Jack, o velho amigo de Curt, quem respondeu ao telefonema.

— De novo? — Jack gemeu quando ele se juntou aos antagonistas.

— Ele arrancou uma de minhas plantas de tomate! — Mary falou, apontando para ele. — Ele pensou que era uma planta de maconha! Como ele conseguiu um distintivo? Ele deve ter roubado isto!

— Se parece com uma planta de maconha! — Curt se defendeu.

— Eu o quero preso, por transgressão e vandalismo, — Mary exigiu.

Jack se aproximou e baixou sua voz, cauteloso por causa dos vizinhos. — Os dois podem imaginar como o Juiz reagiria se este caso fosse parar no tribunal popular? — Ele perguntou a eles. — Senhorita Ryan, você não quer que seu primeiro mandato termine em vergonha pública, não é?

Ela hesitou.

— E Curt, você não quer realmente ter que explicar para um juiz por que você estava arrancando plantas de tomate do vizinho, não é? Francamente, o Juiz Wills prefere comer um sanduíche de tomate a um bife. Eu não posso imaginar como ele reagiria a um assassino de plantação de tomate. Ele mesmo planta tomates premiados.

Curt fez uma careta.

— Então, sugiro que nós apenas consideremos o episódio todo como uma experiência, uma aprendizagem, — Jack sugeriu suavemente, — e voltem para suas respectivas casas e — ele limpou a garganta — tomem um bom banho tranquilamente.

Eles estavam ambos extremamente sujos. O roupão de banho branco de Mary estava quase que totalmente marrom. A camiseta branca de Curt estava imunda, para não mencionar sua calça jeans, toda salpicada de lama. Seus pés estavam cobertos de barro, assim como os de Mary.

Curt cravou os olhos apertados nela. Ela cravou os dela nele.

— Nós podemos resolver este assunto aqui mesmo — o oficial persistiu. — Eu estou certo que o Agente Especial Russell estaria mais que contente por substituir a planta danificada. Certo, Curt? — Ele complementou olhando-o fixamente.

Curt clareou a garganta. — Certamente.

— Eu as plantei desde a semente, — ela disse com altivez.

— Eu substituirei a semente para você. Não só a plantarei como a vigiarei, eu mesmo, até crescer — Curt se ofereceu.

O olhar ficou pior.

⁴ Vila dos estúpidos



— O centro de jardinagem ao longo da Rota 23 tem sementes e mudas de plantas – Jack disse depressa. – Todos os tipos, de híbridos até aqueles deliciosos tomates *Rutgers* que minha esposa e eu sempre plantamos.

— Eu também não economizarei nisto, – Curt disse a ela. – Você terá duas plantas de tomate *Rutgers*. De fato, – ele adicionou, com uma inclinação formal, – eu inclusive os plantarei para você, eu mesmo.

— A seis pés de profundidade e no jardim de outra pessoa, sem dúvida, – ela disse destilando sarcasmo.

— Você poderia se sentar na sujeira com eles, já que você é tão apegada às coisas, – Curt revidou.

— Eu direi a você onde pode se sentar...! – Ela exclamou.

Jack estendeu ambas as mãos. – Senhora e cavalheiro, – ele disse. – Se isto for mais longe, eu não terei nenhuma opção além de prender você dois por perturbação da ordem.

Isso exigirá que eu leve os dois sob custódia nas atuais circunstâncias. Um repórter vem a meu escritório toda manhã para verificar o registro de prisão, – ele adicionou com alegria quase visível. – Que oportunidade de fotografia ele teria. Não é?

Eles olharam um para o outro e então para eles mesmos. Mary Ryan mordeu seu lábio inferior.

— Duas plantas de tomate *Rutgers*. Hoje, – ela adicionou firmemente.

— Duas – Curt concordou relutante.

— Então eu me conformarei e retirarei meu pedido que você o prenda, – ela disse a Jack.

— E eu retirarei meu pedido que você a prenda por assalto com uma arma mortal.

— Assalto? – Ela exclamou. – Com que arma mortal?

— Agente biológico – ele retornou, indicando a planta de tomate mutilada em suas mãos.

— É uma planta de tomate! – Ela quase gritou.

Curt se ergueu em toda sua altura. – E como eu posso estar seguro disto? – Ele exigiu. – Deus sabe que tipo de coisas estão rastejando ao redor ou dentro dessa coisa. Todos nós sabemos que plantas geneticamente alteradas estão aparecendo em todos os lugares hoje! Podem existir armas biológicas escondidas em seu talo!

Jack bateu em seu ombro, dizendo: – Saia enquanto você está ganhando, – ele aconselhou urgentemente.

Mary Ryan estava fumando tranquilamente.

Curt encolheu os ombros. – Certo.

Mary não disse nenhuma outra palavra. Ela levou sua planta de tomate para casa e bateu a porta.

Curt voltou para o outro lado da rua, passando pelo olhar fixo e chocado de sua mãe, diretamente para sua própria casa.

Jack voltou para seu carro de polícia e fechou a porta calmamente. E ele que esperou uma manhã rotineira e enfadonha no trabalho, teve um pressentimento de que enfado não era uma palavra que ele estaria usando freqüentemente enquanto Russell Curt estivesse de férias.



Depois de mandar entregar duas plantas de tomate no jardim de Mary e plantá-las ele mesmo, Curt tomou banho, se vestiu e saiu para a sala de estar, já com calça jeans limpa, uma camisa limpa, um casaco e sapatos esportivos pretos, muito bem polidos. Mas ele não conseguiu passar por sua mãe.

— Tudo bem, vamos falar sobre isto – Matilde disse de uma vez. – O que aconteceu?

Ele gemeu interiormente, mas não existia nenhum modo de escapulir disso, exceto passando por cima dela. E isso ele não faria.

— Eu arranquei uma planta de tomate e ela me atacou.

Ela o olhou cautelosamente. – Por que você arrancou uma planta de tomate?

— Eu pensei que era maconha.

— Uma planta de tomate? – Ela perguntou.

— Bem, como eu poderia ser capaz de dizer a diferença sem uma fotografia para compará-las? – Ele se defendeu desconfortavelmente. – Além do mais, Jack estava comigo ontem e ele pediu que ela arrancasse as plantas ilegais e ela disse que iria arrancar. Nenhum deles mencionou que estavam conversando sobre Papoulas.

Ela sorriu, porque ele soou absolutamente enojado.

— Papoulas? Imagine isto! Bem, elas são muito bonitas, – ela adicionou. – Mas são ilegais.

– Ela deu a ele um longo olhar. – Mas as mudas de tomate não são.

— Oh, esqueça isso! – Ele gemeu.

— Certo, eu pararei. O que mais aconteceu?

— Eu tive que ir e comprar suas duas sementes de tomate *Rutgers*, – ele murmurou. – Eu acabei de plantá-las. Deste modo ela tira a acusação de vandalismo e eu tiro a de agressão com arma mortal.

— Ela agrediu você? – Ela exclamou.

Ele se endireitou indignado. – Ela me agrediu com a planta de tomate, – ele respondeu.

Ela se virou, aparentemente sufocada. – Eu tenho um, uh... Encontro com o comitê mais tarde. Você pode almoçar fora?

— Certo. Você está bem?

— Sim. É só uma tosse. – Ela tossiu ruidosamente.

Ela realmente não soava convincente. – Uma tosse ruim! – Ela soou como se estivesse sufocando em vez de tossir.

— Bem, eu estarei em casa mais tarde. De qualquer maneira eu tenho que verificar algumas coisas com o escritório distrital do FBI.

— Eu verei você na ceia, então.

— Certo. Tenha um bom dia.

— Você, também, filho. – Ela lhe lançou um olhar e se afastou depressa antes dele poder ver como ela estava realmente se divertindo.

Ele partiu, subindo em seu sedan cinza tranqüilo com elegância e sem olhar para o outro lado da rua, caso contrário ela poderia pensar que ainda a estivesse observando. Ele pôs o carro em marcha e passou como uma bala pela garagem afora, chicoteando para a rua.



Houve um chiado de pneus e uma buzinação bem alta atrás dele. Ele olhou no retrovisor pela janela.

Lá estava, Mary Ryan, em seu pequeno VW verde, cor de ervilha, olhando para ele, de forma carrancuda, parado a apenas uma polegada mínima de seu pára-choque dianteiro.

Ele acenou para ela pelo retrovisor da janela e sorriu brilhantemente. Ela buzinou novamente.

Ele arrancou lentamente, preocupando-se em não queimar o pneu já que ele pertencia ao Departamento de Justiça. Ele se assegurou também de que estava no limite correto de velocidade enquanto entrava na estrada principal.

Ela passou por ele como uma bala quando eles alcançaram a divisão de quatro pistas da rodovia que levava à cidade grande, mais ou menos vinte quilômetros abaixo. Era a sede distrital de três municípios e, aparentemente era onde a Sra. Ryan trabalhava. Também era sede do escritório distrital do FBI. Curt teve um pressentimento terrível que ambos os escritórios iriam estar sob o mesmo teto.

E, efetivamente, eles eram. Ele teve que passar por um detector de metal, um scanner de nitrato, e colocar o conteúdo de seus bolsos em uma bandeja antes de poderem entrar no Palácio de justiça.

Ele teve que comprovar o uso de sua arma. E isso exigiu que ele exibisse seu distintivo do FBI. Enquanto ele estava fazendo isto, a Imperatriz Plantadeira de Tomates passou por ele com um sorriso altivo, em um terninho cinza da moda, com uma saia pequena e sapatos de saltos altos. O segurança sorriu para ela e a deixou passar. Curt se eriçou da cabeça até dedão do pé quando ele a viu passar direto.

Ele terminou com os procedimentos de segurança adotados pelo guarda e vagou corredor abaixo para o local do escritório do FBI. A secretária o mandou sentar e esperar porque o agente especial encarregado estava atendendo um telefonema interurbano.

Ele não teve que esperar por muito tempo, entretanto. Apenas dois minutos mais tarde, a mulher sorriu e disse a ele que ele podia entrar.

O agente especial encarregado deu a ele um sorriso que o fez sentir como se seus pés estivessem derretendo. Ele nem precisou perguntar se as notícias da plantação de tomate já haviam chegado ali.

Capítulo 2

O agente especial responsável era um homem de aparência agradável, calvo com um resto de cabelo loiro, chamado Hardy Vicks, e ofereceu a ele uma cadeira. Depois de suas férias,



Curts estaria trabalhando para Hardy. O agente encarregado esboçou um caso que eles estavam trabalhando no município onde a mãe de Curt morava.

—É um verdadeiro tormento— Hardy disse a ele irritado. —Este sujeito—ele lançou uma fotografia através da escrivaninha para Curt — Abe—Hunt, é uma testemunha do governo para uma grande experiência de mídia em Atlanta. Eles autuaram o dono de um clube de *strip-tease* que ao final, era um centro de distribuição de drogas ilegais. O pior, ele tem conexão com os chefes do crime organizado de Miami.

—Por que isto é um problema?— Curt perguntou quando ele olhou fixamente para a fotografia de um homem robusto com cabelo preto ondulado, olhos escuros, e um rosto largo.

—Nós não podemos achá-lo— Vicks disse zombeteiramente. —Ele está fora, porque não acredita que nós possamos protegê-lo de represálias. Ele tem medo de um assassino profissional chamado Daniel. Este assassino é um dos melhores em operação.

De qualquer maneira, Hunt sabe tudo sobre a operação, e nós estamos dispostos a dar a ele imunidade e uma nova identidade se ele entregar principalmente os chefes. Ele estava sob custódia protetora em Doraville em uma casa segura. Os agentes e ele estavam assistindo a uma competição na televisão, e enquanto eles estavam gritando as respostas, o sujeito saiu pela porta e desapareceu.

Curt fez careta. —Pobres rapazes.

—Oh, eles não esquecerão isto — Vicks disse. —Nós os colocamos para vigiar falsificadores comedores de hambúrgueres em redes de *fast-food*.

—Por que isto seria um castigo?

Vicks sorriu. —Ambos estão de dieta.

—Ai!

—De qualquer maneira, você está oficialmente de férias, mas se você pudesse manter um olho em Abe—Hunt, nós apreciaríamos isto— Vicks disse a ele. —Nós sabemos que ele tem dois primos quase na entrada do bosque. De fato, um deles vive a apenas duas casa abaixo da de sua mãe. — Ele sorriu novamente.

—Uma promotora-adjunta vive do outro lado da rua bem em frente a ela — ele assinalou com um olhar frio. —Por que você não pede a ela informações sobre sua testemunha fugitiva?

—Já pedimos a ela — veio a resposta lacônica. —Ela disse que teria muito prazer e então perguntou se você iria armado.

Suas sobrancelhas se ergueram. —Perdão?

Vicks estava fazendo muito esforço para não rir. —Ela quis saber se nos permitem ter mais de uma bala.

Curt apertou os lábios em uma linha fina. —Ela é um tormento real— ele declarou.

As sobrancelhas de Vicks se ergueram. —Nossa, você é o único homem em vinte milhas que diz isto. Ela gosta do resto de nós. — Ele indicou uma pequena sacola cheia de biscoitos em sua escrivaninha. — Ela os assou e trouxe alguns para nós e para o D.A. também. Ela certamente sabe cozinhar!

Curt pensou que ele iria sufocar. —Há algo mais?— Ele perguntou.



Vicks deu de ombros. —Não enquanto você estiver de folga. Aproveite suas férias. — O homem mais velho lhe lançou um olhar malicioso quando ele se dirigiu à porta. —A propósito, o D.A disse que se você perder este trabalho, não peça a eles para contratar você. — Ele escondeu o riso. —Eles não querem um agente que não pode diferenciar uma planta de tomate de ...Ei, onde você está indo?

Curt já estava no corredor e ele deixou a porta do escritório aberta de propósito, segurando a foto com tanta força na mão que ele quase a esmagou.

—“Russell”!

Ele só parou após o detector de metal e se virou. Um delegado de polícia estava segurando sua pistola e seu coldre.

—Você vai me dar isso?— disse arrastando as palavras. — Pela política da boa vizinhança. Eu não consegui nada.

Curt pegou o coldre e a pistola e os colocou em seu cinto ao lado de seu distintivo. O ajudante não respondeu, mas seus olhos o fizeram.

Ele saiu do palácio de justiça com chamas invisíveis correndo por seu cabelo. Este realmente tinha sido um mau dia.

Não melhorou quando ele voltou para a casa da sua mãe. Havia um cão de caça, grande, magro e de pelo vermelho sentado no meio da calçada. Ele tocou a buzina e continuou tocando, mas o cachorro não se movia.

Sua mãe veio para correndo porta fora, com o dedo em seus lábios. Ela fez sinal para Curt baixar sua janela.

—Não faça isto!— Ela gemeu. — O homem da casa ao lado trabalha a noite. Ele está tentando dormir.

—Eu não posso estacionar o carro, — Curt disse a ela. —O cachorro está na frente!

—Eu não tenho um cachorro.

Curt apontou para o grande animal, que agora estava deitado na calçada.

—Agora, de onde ele veio?— Ela perguntou meio distraída.

—Por que você não vai lá e pergunta a ele?

Ela olhou intensamente para ele e foi tentar tirar o cachorro para fora da calçada. Mas ele não se movia. Ela pediu a Curt —só um minuto— assinalando com seus dedos e correu para dentro. Ela voltou fora com um pedaço de carne. O cachorro cheirou e lambeu e logo a seguiu, enquanto Curt colocava o carro debaixo da cobertura e o estacionava, desligando o motor.

O cachorro estava agora sentado na varanda, olhando como se morasse lá.

—Você não pode ter um cachorro de caça na cidade— Curt disse a ela com uma olhada no cachorro.

—Oh, ele não é um cão de caça, querido, ele é um sabujo. Você não vê o cumprimento de suas orelhas? Agora como acha que ele chegou aqui?

—Pedindo carona, talvez?



Ela deu a seu filho outro olhar intenso. — Existe uma testemunha do governo solta neste município em algum lugar, lá fora — ela disse a Curt, mantendo a voz baixa. — Seu primo mora naquela casa branca logo abaixo.

— Como você sabe disto? — Ele exclamou. — Eu acabei de saber pelo agente especial encarregado do FBI local. O homem para o qual eu estarei trabalhando.

Ela pôs suas mãos nos quadris e deu a ele um longo e sofrido olhar. — Eu trabalhei para jornais. Eu sou um jornalista experiente. Sabemos de tudo.

— Você está aposentada.

Ela deu de ombros. — Eu vi a esposa dele no supermercado esta manhã. Ela me disse que não pode suportar o sujeito, mas que seu marido pensa que o primo é o máximo porque ele conhece todo mundo do mundo do tênis, e que ele, inclusive, tem amizade com uma ou duas estrelas do esporte — Ela estudou seu filho de cima abaixo. — Eu odeio esportes.

— Eu também. Ela não tem nenhuma idéia de onde Abe—Hunt poderia estar?

Ela balançou a cabeça. — Mas ela disse que me diria se ela ouvisse qualquer coisa. Eles estão deixando a cidade para umas férias em algum lugar. Ela não me deu quaisquer detalhes.

Ele olhou para o cachorro. — Talvez nós devêssemos chamar alguém. Tem um canil para depósito de cachorro?

— Certo, é direito voltar atrás... Claro que existe um depósito de cachorro! Mas ele está sendo reformado nesse momento e não tem nenhum lugar para um cão perdido. Além disso, ele tem uma coleira. — Ela passou o olhar sobre ela. O cachorro sacudiu seu rabo e latiu enquanto ela procurava por uma inscrição. — Talvez ele pertença à prisão. Ao instituto correcional — ela se corrigiu. — Eu me pergunto como ele chegou aqui? Eu telefonarei e verei se eles sabem qualquer coisa sobre ele. Não o deixe fugir, ela instruiu seu filho enquanto entrava.

Curt levantou sua calça comprida e apoiou-se nos calcanhares, puxando sua jaqueta e mostrando seu cinto. — Vê isto? — Ele disse ao cachorro, indicando sua pistola. — Se tentar partir, eu atirarei em você. —

O cachorro lambeu a bochecha de Curt.

Minutos mais tarde, sua mãe voltava com um olhar preocupado. — Eles disseram que não está faltando nenhum sabujo — ela disse preocupada. — De fato, eles nem sabem de alguém que tenha um. Eu telefonei para o escritório do delegado, mas eles não têm quaisquer relatórios de animais perdidos. Ninguém parece ter qualquer idéia de onde veio.

— Provavelmente pertence a algum vizinho — Curt disse a ela.

— Você acha? — Ela perguntou distraidamente.

Curt olhou do outro lado da rua e franziu o cenho. — Provavelmente é da Mary maconheira — ele disse rispidamente.

— Mary? Oh, não, não é dela. Ela não tem um cachorro, embora ela certamente tenha um lugar para manter um, — ela acrescentou, movimentando a cabeça em direção ao celeiro velho no final de sua propriedade.

Curt olhou para ele pensativamente. — Talvez nosso fugitivo se esconda lá. Talvez seja seu o sabujo. Ela o usa para nos manter fora do caminho.



Ela riu. —Grande pensamento. Bem, eu telefonarei para a estação de rádio e pedirei a eles para pôr isto no boletim local. Seu dono poderá vir pegá-lo aqui.

—E enquanto isso?— Ele perguntou incomodado.

—Pode viver aqui, querido, — ela disse docilmente. —Vamos, menino!

Ela abriu a porta para o cachorro entrar.

—Você não pode ter um cachorro nessa casa!— Ele exclamou. —Não este imundo, esse saco de ossos deve estar infestado de pulgas e carrapatos! E se ele decidir subir no sofá?

Ela o estudou curiosamente. —Nós nunca tivemos um cachorro quando você era um menino porque seu pai era alérgico a pêlos — ela lembrou. —Que vergonha.

—Eu estou muito velho para um cachorro — ele afirmou.

—Oh, eu não sei disto,— ela disse, tornando seguir o cachorro na cozinha. —Todo menino deveria ter um.

—Então eu irei a uma loja de animais e vou adquirir um pastor alemão!— Ele falou depois dela.

—Muito grande, querido. Ele nunca se encaixaria nesta casa pequena.

—E você pensa que aquele grande cavalo vermelho o caberá?

—Ele não é um cavalo.

A porta da cozinha fechou. Ele suspirou e foi para seu quarto vestir a roupa de lazer novamente. Ele pegou a fotografia do fugitivo de dentro do bolso de sua jaqueta e a colocou na agenda.

O cachorro — batizado como Big Red⁵, já estava completamente lavado e preparado para a hora do jantar. Sua presença estava sendo anunciada no rádio, mas ninguém veio reivindicá-lo.

Mais tarde, ele se deteve no sofá ao lado de Curt, apesar das suas objeções acaloradas, e passou a assistir as notícias da noite como se ele estivesse realmente interessado nas notícias sobre o escândalo político mais recente.

—Eu vou deixar o país — Curt anunciou desgostoso. —Desse modo, talvez eu não tenha que ouvir o nome deste congressista quinhentas vezes por dia.

—Isto não te salvará. Eles dão nossas notícias em todos os lugares agora.

—Faz me rir. — Ele olhou abaixo para o cachorro, que tinha suas grandes patas cruzadas, seu focinho apoiado neles enquanto assistia televisão. —Isto está interessando você, hem? Não tem escândalos de cachorro, eu acho?

O grande cachorro levantou seus olhos marrons tristes para ele. Sacudiu seu rabo e voltou a assistir televisão.

—Ele é muito inteligente — sua mãe observou.

—Como você chegou a essa conclusão?— Curt perguntou.

—Ele não está saltando em torno da casa tentando despedaçar as coisas, e também não está latindo.

⁵ Grande Vermelho



Naquele momento, a TV local voltou e mostrou uma entrevista com Abe-Hunt, o homem da fotografia que Curt recebeu. O cachorro levantou suas orelhas e latiu, uma vez, ruidosamente.

—Silêncio!— Curt murmurou, se debruçando para frente para ouvir melhor.

A entrevista era resumida e não informava nada. A testemunha do governo que fugiu só tinha dito que não sabia de nada e se negou a testemunhar. O apresentador adicionou as informações de que a testemunha tinha desaparecido e a suspeita de jogo ilegal.

—Ele provavelmente está no fundo do Lago Lanier⁶— Curt murmurou.

—Se ele estiver, querido, ele não surgirá novamente— sua mãe respondeu indiferente, trabalhando em um pedaço de bordado enquanto falava. —A temperatura da água é tão fria que nem mesmo o aquecimento o mandaria para a superfície.

—Você sempre apresenta argumentos fascinantes sobre cadáveres— Curt observou. — Como você sabe tanto?

—Eu costumava trabalhar com um médico legista.

Ele agitou sua cabeça e voltou a assistir as notícias.

O cachorro de repente ergueu seu focinho e uivou.

—Pare com isto!— Curt murmurou. —O que se passa com você?

O cachorro olhou para ele e sacudiu seu rabo.

—Ele provavelmente está faminto,— a mãe de Curt disse, deixando de lado seu trabalho manual. —Eu o alimentarei com as sobras de macarrão. Vamos, Big Red.

O cachorro respondeu facilmente por seu novo nome. Ele saltou do sofá com uma graça desajeitada e trotou para fora atrás de seu novo dono.

Curt lhe olhou longamente. Isto estava se tornando umas férias miseráveis. Primeiro a Mary Maconheira, agora o Cão de caça do Inferno que colou em sua mãe.

Quando eles foram dormir, cobriram o sabujo confortavelmente e o deixaram na sala de estar, sentado em frente da janela de quadros, mas ele soltou um uivo que teria acordado até as pessoas do cemitério.

A campainha tocando insistentemente arrastou Curt para fora da cama, só com a parte de baixo de seu pijama de seda e sem camiseta. Era possível ouvir sua mãe roncando tranquilamente através da porta fechada quando ele passou por seu quarto.

Ele gritou com o cachorro uivador antes de abrir a porta de madeira. Ali estava Mary Maconheira em uma camiseta azul marinho enorme. Ela estava vestindo chinelos de quarto rosa, de penugens, e seu cabelo loiro estava todo desordenado em sua cabeça. Ela olhou meio adormecida e furiosa.

⁶ Lake Lanier (oficialmente Lago Sidney Lanier) é um reservatório na porção norte do estado da Geórgia. Foi criado por Buford na conclusão da Barragem do Rio Chattahoochee em 1956, e também é alimentada pelas águas do rio Chestatee. O lago abrange 38.000 hectares (150 km²) de água, e 692 milhas (1.114 km) da costa no nível normal, uma "pool verão cheio" de 1.071 pés (326 m) acima do nível médio do mar. Foi nomeado pelo poeta Sidney Lanier, e foi construído e é operado pela E.U. Army Corps of Engineers. É patrulhada pelo departamento de Geórgia de recursos naturais (GDNR).



—Você, por favor, podia pôr um pouco de fita em torno da boca do seu Cão dos Baskervilles ⁷ de forma que aqueles de nós que trabalham pudessem dormir um pouco?— Ela perguntou venenosa.

—Eu tenho um trabalho— ele ressaltou.

—Você está de férias— ela replicou. Ela colocou suas mãos em seus quadris arredondados e a postura chamou a atenção de Curt que apreciou seus seios rígidos quase furando o tecido. Ela pigarreou e discretamente cruzou seus braços acima de seus seios.

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou nos olhos por um tempo mais longo do que o desejado, e estreitou os olhos quando percebeu seu rubor súbito.

—Por que você tem um cachorro de repente, sem mais nem menos?— Ela perguntou abalada.

—Minha mãe o alimentou e agora ele não quer ir embora. Além disso, ele é interessado nas notícias da noite.

—Então?

—É o novo favorito da minha mãe. Ela até o batizou. Ela nunca desiste das coisas às quais dá nome— ele acrescentou com um sorriso. —Ela me tem por trinta e quatro anos.

—Ela devia ganhar uma medalha.

—Olhe aqui, por que você está rondando no bairro em uma camisola à meia-noite?— Ele exigiu.

—Não é uma camisola!

Ela olhou para ele, mas seus olhos baixaram sem ajuda para seu largo tórax com cabelo crespos, e ela não conseguiu parar de olhar fixamente para ele.

—Não olhe de esguelha para mim — ele disse escandalosamente. —Molestar sexualmente aos homens é uma contravenção. Eu podia prender você.

—Você... Seu filho da p...!

—Idioma sujo é outra contravenção — ele continuou, se divertindo. —Eu podia prender você.

—Aquele cachorro— ela apontou para a janela da sala onde o cachorro começou a uivar novamente —é um incômodo público e ele está criando uma agitação e perturbando minha paz. Eu podia prender você. Eu sou um oficial do tribunal!

Ele colocou suas mãos nos quadris e a olhou fixamente, de cima abaixo, com interesse renovado. Ela era muito bonita.

Não só isto, ela tinha um temperamento que era muito parecido ao seu próprio. Tinha passado muito tempo desde que ele se envolvera com uma mulher. Ele considerou que ele não se importaria de ficar envolvido com esta. Ela tinha seu potencial.

—Você não pode fazê-lo parar?— Ela lamentou, mudando sua atitude, e apelando para uma melhor natureza.

⁷ Referência feita a uma das aventuras de Sherlock Holmes escrita em 1902 por Sir Arthur Conan Doyle.



—Eu poderia, se, em primeiro lugar, eu soubesse por que ele está uivando— ele concordou. —Por que você não entra para uma xícara de café e nós podemos discutir uma estratégia?— Ele começou a abrir a porta.

Como se isso fosse um convite, o cachorro correu de repente para a porta de tela aberta e saiu como uma bala, latindo roucamente.

—Volte aqui!— Curt gritou, preocupado com o que sua mãe iria dizer quando descobrisse que ele deixou seu novo mascote fugir. —Oh, inferno, eu vou ter que persegui-lo!

Ele saiu pela porta descalço, sem pensar em como ele estava vestido, e correu para fora atrás do cachorro.

Mary hesitou, mas logo levantou suas mãos e o seguiu. Ela não poderia dormir mesmo, portanto, também poderia ajudar.

As luzes se acenderam no bairro enquanto um homem e uma mulher escassamente vestidos corriam ao longo do asfalto, chamando e seguindo o latido do cachorro. Quando terminou o calçamento e ele entrou no bosque atrás da casa de Mary, ela manteve o passo, mas Curt se golpeou contra um galho baixo e espinhoso e gritou de dor.

—Tome cuidado com serpentes!— Ele lhe falou furiosamente.

—Serpentes?

Era cômico assisti-la parar de repente, no lugar, com um pé levantado. —Serpentes?— Ela repetiu, procurando em toda direção.

Curt estava parado sobre um pé, segurando o outro, e tentando resistentemente retirar os espinhos na escuridão.

Não que fosse fácil. A maldita iluminação de rua era precária. Manteve-se por todo um minuto depois piscou e apagou de repente. Dois minutos mais tarde piscou novamente e tentou acender.

A companhia de iluminação tinha sido chamada várias vezes, mas eles insistiram que isso era natural, apesar do fato que nenhuma das outras iluminações de rua agir do mesmo modo. Era algo com o que os vizinhos aprenderam a viver. Curt não.

—Se eu tivesse minha pistola, eu atirava em você!— Ele gritou para o poste.

Portas se abriram. O sabujo latia de modo selvagem. Mary estava saltando de um pé para o outro tentando sondar o caminho de volta através da grama alta e conversando com ela mesma, ruidosamente. Curt estava gemendo e ameaçando a luz.

Um carro de polícia veio descendo rua abaixo, freando bruscamente na frente de Curt, e as portas do carro se abriram de repente. Dois oficiais jovens desceram com as pistolas preparadas.

—Mãos ao alto!— Eles gritaram.

—Eu tenho espinhos em meu pé!— Curt gritou atrás, ainda segurando um pé. —Eu sou do FBI!—

—E eu sou a Princesa Don — veio a resposta demorada. —Mãos ao alto!

—Vá em frente e atire!— Curt disse a eles, exasperado.

—Mas atire naquela maldita iluminação de rua primeiro, e eu irei feliz!



Exatamente naquele momento, a luz se apagou, deixando a rua em escuridão total. Houve comandos rápidos, portas abertas. Um refletor apareceu de uma vez, mas ele não só pegou Curt, como também pegou Mary e o cão de caça, ambos que, de repente, estavam em pé ao lado de Curt.

—É Dia das Bruxas?— Um oficial perguntou ao outro.

—Não — veio a resposta. —Mas eu estou pedindo ajuda!— Ele disse, empurrando o microfone em seu ombro e solicitando ajuda.

—O que está acontecendo aí fora?— Veio um grito furtivo das casas atrás deles.

Curt olhou para Mary e os dois olharam para o cachorro. Ia ser uma noite longa.

Eles foram levados em custódia e conduzidos para a delegacia de polícia. Os dois estavam temporariamente hospedados em uma cela enquanto o chefe de polícia telefonava para o amigo de Curt, em casa. Não adiantaria telefonar para sua mãe. Ele sabia por longa experiência que nada menos que um bombardeio a despertaria depois que ela tivesse ido dormir. Mas ele pediu a eles para telefonarem para seu amigo, o chefe, Jack Mallory, e pedir que ele viesse identificá-los.

Eles ligaram e, pelo menos, deram a Mary um cobertor para embrulhar por cima de sua camiseta longa. Ela lançou seus olhos escuros, brilhantes e acusadores para Curt quando eles ocuparam as laterais opostas de um beliche comprido.

—Cheira como se as pessoas tivessem vomitado aqui, — ela observou furiosamente.

—Sem dúvida— ele respondeu. —Esta cela é para os bêbados.

—Eu não sou bêbada!—

—Nem eu sou, mas por que outro motivo nós estaríamos correndo em torno do bairro, no escuro e de pijamas?

—Por causa de seu cachorro!— Ela exclamou.

—Ele não é meu. Ele é o cachorro da minha mãe.

—Ela pode explicar para a polícia — ela começou.

—Ela dorme como os mortos. E não acordará antes das nove, e só aí ela se perguntará por que eu não dormi em casa.

—Talvez seu cachorro — ela enfatizou furiosamente — volte e uive em sua orelha.

—Não... A menos que ele possa abrir portas — ele disse com um suspiro. Ele olhou abaixo nele mesmo. —Isto não vai ficar bem em meu registro.

Seus olhos estavam cintilando pensativamente. —Eu vou dizer a eles que você estava procurando por um disco voador — ela disse docemente. —Eu vou dizer a eles que você viu um alienígena e o estava perseguindo!

—Você não ousaria!— Ele exclamou.

—Espere e veja-me, Russell!— Ela atirou de volta, puxando seu cobertor mais para cima. —Primeiro você me acusa de plantar maconha e então você quase bate em meu carro, e depois você deixa seu cachorro uivar a noite toda de modo que eu não consegui dormir na véspera do caso mais importante da minha... carreira... Oh, não!— Ela pôs uma mão em sua boca e seus olhos se abriram desmesuradamente. —Eu tenho que estar no tribunal as nove, para processar um



traficante de drogas. O juiz me acusará de desacato se eu não aparecer! E aqui estou eu. Com você — ela adicionou com desgosto absoluto.

—É um engano secundário — ele assinalou. —Assim que Jack chegar, nós sairemos daqui e tudo terminará bem.

—E se ele não aparece?— Ela gemeu.

—Só seja paciente — ele preveniu. —Ele estará aqui logo.

Jack chegou logo, sorrindo feliz, e ele tinha companhia. O jornal local tinha um ás em fotografia com um senso de humor maníaco. Ele estava trabalhado até tarde no laboratório do jornal e Jack deu carona a ele no caminho, junto com sua máquina fotográfica. E antes de qualquer um dos autores pudesse abrir suas bocas, eles foram fotografados em seu estado indecoroso.

—Há!— o fotógrafo disse com um sorriso. —Registrado para a posteridade!... Que legenda colocarei? Vamos ver... Agente do FBI e promotora iniciante brincam em bairro suburbano à meia-noite com cachorro vermelho misterioso!

—Você pode dizer que deve ser um tipo de cerimônia Druida — o chefe de polícia disse amavelmente. —Eles podiam ser parte de um culto...

—Tire-me desse inferno!— Curt exigiu.

Mary levantou-se ao lado dele, cabelo desganhado e olhos inflamados. —Isso vale em dobro para mim! Eu tenho um caso no tribunal no Município de Lanier às nove! Um caso importante!

O chefe estudou suas pernas nuas e chinelos fofos pensativamente. —Nossa, que impressão você vai fazer com o Juiz Wills.

—Eu prometi a ele uma cesta de tomates!— Ela disse com altivez.

—Ele a mandará se retirar, se você entrar em sua sala de tribunal vestida assim — ele assinalou com uma risada. —Certo, Harry — ele disse ao fotógrafo. —Nós tivemos nossa diversão. Você pode mostrar a eles sua máquina fotográfica agora.

O fotógrafo abriu a máquina fotográfica. Não estava carregada. Curt e Mary deram a ele um olhar maligno quando o carcereiro abriu a cela com um sorriso e os deixou.

—Mas não façam mais passeios à meia-noite— o chefe preveniu.

—Eu odeio ser arrastado fora da cama quando eu mal pude dormir duas horas.

—Eu sinto muito — Curt murmurou. —O cachorro estava uivando e então ela veio reclamar— ele apontou um dedo acusador para Mary — e isso me chamou a atenção. Enquanto eu estava olhando fixamente para ela, o cachorro escapou, e nós tivemos que o parar...

O chefe levantou uma mão. —Eu ouvi isso tudo antes — ele disse com uma expressão chateada. —Só não faça isto novamente. — Ele olhou para Mary. —Alardeando você mesma aos agentes do FBI novamente, hem, Mary?

Ela o chutou na canela, girou, e saiu para fora da parte principal da estação, onde vários oficiais estavam bebendo café. Eles se viraram e a olharam fixamente.

—É uma camiseta!— Ela afirmou.

Eles só encolheram os ombros.



Ela estava de fora da porta quando percebeu que era um caminho longo até em casa e que ela não tinha transporte.

Em seu atual estado, ela não iria longe sem dificuldade.

Curt, que estava pensando a mesma coisa, andou a passos largos passando pelos oficiais com um sorriso superior. Ele tinha um grande físico, e sabia disto. Alguns dos oficiais de pé, ao redor, eram casados há muito tempo e tinham o que era afortunada e coloquialmente chamado de doença do Dunlap — (frase rural do sul utilizada para apontar aqueles que se encontram acima do peso) —. Ele marchou para a porta na frente de Jack, olhando como se fosse ganhar uma competição.

—Indo a algum lugar?— Curt perguntou a Mary.

—Casa, quando eu puder pegar uma carona. — Ela deu a ele um olhar duro. — Pelo menos eles deram a mim um cobertor — ela adicionou, o puxando mais para perto.

Ele riu. —Eu não quero um — Ele endireitou a coluna. —Com um corpo como este, por que esconderia meus dotes óbvios?

Ela ergueu seu pé, e ele se moveu depressa fora do alcance. Os espinhos eram suficientemente dolorosos, sem um pé bravo em sua canela para adicionar a seu desconforto. Mas ela era um encanto para aborrecer.

—Você ainda terá que conseguir encontrar seu cachorro abelhudo — ela disse maldosamente.

—Com alguma sorte — ele disse a ela, - ele voltará para sua própria casa quando eu chegar em casa.

—Se você dois quiserem uma carona, se apressem — Jack os chamou de seu carro. —Eu estou com sono!

Eles ficaram um pouco desencorajados ao descobrirem que o fotógrafo também iria com eles, mas ele se sentou no banco da frente e não disse uma palavra a viagem inteira para casa.

—Aqui está — Jack disse a eles, parando na rua entre suas respectivas casas. —De agora em diante, fiquem fora das ruas à meia-noite. Meus homens só seguem os regulamentos com relação a vocês. — Ele deu a ambos um longo olhar e agitou sua cabeça. —Esta costumava ser uma cidade pequena, tão pacífica... — Ele lamentou, e levantou o vidro de sua janela antes deles poderem responder.

Eles o viram ir embora. A luz incidia no horizonte. Eles gastaram horas na delegacia de polícia.

—Eu suponho que não adiantaria muito tentar voltar a dormir— Mary disse em um suspiro. Ela olhou para Curt.

—Graças a você, eu provavelmente adormecerei no meio de minha audição.

—Se você puder concluir aquele tipo de processo em um dia, eu comerei seu cobertor— assegurou Curt.

Ela fez uma careta. —Levará uns três ou quatro — ela concordou. Ela o estudou por um minuto e então sorriu. —Eu acho que nós dois estamos parecendo estranhos.



Ele sorriu. —Cerimônias Druidas— ele murmurou. —Eu terei que me lembrar de falar sobre isto com os colegas.

—Não terá nenhuma necessidade. Eu estou certa de que Hardy Vicks dirá a todo mundo no minuto em que ele escutar sobre isto. — Ela fechou a cara.

—Por que você tem um cachorro? Sua mãe diz que ela nunca teve uma mascote. Você não é alérgico?

—Não, meu pai que era. O cachorro parou no meio da rua e se recusou a se mover. Ela o adotou.

—Sim, mas de onde veio?— Ela perguntou.

Ele agitou sua cabeça. —Eu não tenho nenhuma idéia. — Ele olhou em direção a sua casa. As luzes estavam ligadas. Ele fez uma careta.

No mesmo momento em que ele estava se perguntando por que as luzes estavam ligadas, a porta da frente se abriu, e lá estava sua mãe com o cachorro.

—Então você está aí!— Ela exclamou. —O que você está fazendo no meio da rua de pijama com Mary? Isso é muito estranho, Mary, por que você está no meio da rua com um cobertor?

Mary se virou sem falar nada e foi para o outro lado da rua, para sua casa, que ela havia deixado destrancada. Curt suspirou e subiu a rua para tentar explicar a noite que tivera para sua mãe. O cachorro foi para ele alegremente, sacudindo seu rabo.

Capítulo 3

Na tarde seguinte, Curt esperou Mary voltar para casa e ficar confortável antes dele deixar sua mãe — e o cachorro—e se aproximar cuidadosamente para conversar com ela.

Ela atendeu a porta da frente quando ele tocou, mas ela parecia transtornada.

—Algo errado? Além do óbvio?— Ele adicionou.

—Entre. — Ela o levou à cozinha e pegou uma xícara de café para ele. —Sua mãe disse que você gosta dele preto — ela acrescentou quando entregou a xícara para ele e sentou diante de sua própria xícara misturada com creme. —Escute, quando eu cheguei em casa ontem à noite, alguém foi por minha cozinha e roubou um pão e um pouco da carne do almoço.

—Você não fechou sua porta?

Ela olhou para ele.

Ele levantou uma mão e sorriu timidamente.

—De qualquer maneira — ela continuou, —eu estava muito cansada para chamar a polícia novamente, então eu verifiquei a casa e fechei em cima e voltei para dormir umas horas. Eu ia sair de volta e procurar por sinais agora mesmo quando você surgiu.



—Eu irei com você — ele ofereceu. Ele tomou um gole do café. —Quando eu estava no Serviço Secreto, eu trabalhei em um caso federal em cooperação com outras agências do governo. Tinha um agente que era Lakota. Ele me ensinou a ler e falar o idioma de sinal. É interessante.

—Lakota?— Ela perguntou curiosamente.

—Sioux.

—Oh... — Ela estudou seu rosto magro. —Você não tem sangue Cherokee?— Ela perguntou abruptamente.

Ele movimentou a cabeça. —Meu avô está na Lista de Dawes—um dos registros numerados de todas as pessoas Cherokee na reserva em Carolina do Norte.

—Então você é a quarta geração Cherokee?— Ela persistiu.

—Por aí. — Ele ergueu uma sobrancelha. — E você?

Ela sorriu e agitou sua cabeça. —Dinamarquês e Sueco — ela disse.

—Isso explica o cabelo loiro.

—Você devia ver meu pai— ela disse a ele. —Ele tem dois metros e quatro e é loiro de olhos azuis!— Ela o estudou às escondidas. —Há quanto tempo atrás seu pai morreu?— Ela perguntou de repente.

—Eu tinha seis anos. Minha mãe acordou e o achou morto na cama ao lado dela — ele disse com naturalidade. —Eu não me lembro muito bem dele.

—Isso deve ter sido duro para ela, criar você sozinha— Mary comentou.

Ele brincou com sua xícara de café. —Era, mas ela fez um bom trabalho. Ela era uma jornalista. Eu sempre reconheci quem eram os sujeitos ruins, onde eles viviam e o que eles faziam. Ela era um manancial de informações. Ela parece conhecer todo mundo, e existiam sempre pessoas que trabalhavam do lado da lei por perto. Eu acho que é por isso que eu me formei em justiça criminal na academia.

—Ela já é bastante idosa.

—Sim. Ela é.

Ela terminou seu café. —Bem, vamos ver o quão bem você trabalha.

Ele deu a ela um olhar divertido, porque ela não pareceu acreditar que ele podia. Ele estava disposto a provar isto.

Eles foram para a parte de trás do terreno e ele parecia outra pessoa. Ele ficou muito quieto, só observando os ruídos da terra, os caminhos possíveis até a cozinha, a seca da terra devido à falta de chuva. Ele ficou se lembrando por onde o chefe de polícia caminhou, onde ele caminhou, onde Mary caminhou quando arrancou as papoulas.

—Eu, hum... Notei as novas plantas de tomate,— ela disse, perturbando sua concentração. —Obrigado.

—Nenhum problema. Fique aqui.

Ele moveu para frente em um passo lento, seus olhos estreitavam-se na medida em que ele parava de vez em quando para inclinar ou se agachar e estudar o chão e as plantas. Ele se moveu continuamente em direção ao galpão atrás do lote, mas parou e fez uma virada súbita em direção à rua um minuto mais tarde.



—Alguém foi por lá!— Ele chamou para ela. —Atrás, em direção à rua!

Ela foi se juntar a ele e eles se moveu sobre o pavimento e voltaram para a estrada, em direção a sua casa, com Curt obviamente estudando a grama em ambos os lados da calçada.

Ele fez sinais para ela se abaixar ao lado dele enquanto ele apontava no chão.

—Isto é uma formiga — ela falou. —Ela está falando com você?

—Mantenha sua voz baixa. Movimente a cabeça, como se você estivesse concordando comigo. Eu penso que estamos sendo observados.

Ela assentiu.

—Há alguém vivendo em seu galpão — ele sussurrou, —e ele tem estado lá por vários dias. Existem caminhos tão óbvios que até aquele fotógrafo podia segui-los.

—Isso explica a invasão em minha cozinha,— ela disse, sussurrando também. —Nós devíamos chamar a polícia!

Ele lhe deu um olhar duro. —Eu sou a polícia. Polícia federal.

—Sim, mas não é sua jurisdição— ela discutiu.

—Eu agora estou trabalhando para este distrito — ele replicou. —Por que você pensa que eu estava me reportando ao escritório de distrito no Município de Lanier, em primeiro lugar? Eu estarei começando lá depois de minhas férias.

Ela suavemente assobiou. —Que declínio, de Austin, Texas, — ela zombou. —Nos pés de quem você pisou?

—Não importa — ele murmurou. —Eu preciso ir ver o Jack. Você pode vir, também — Ele tinha uma idéia de quem estava no celeiro. Era a testemunha do governo. Eles não estavam correndo nenhum perigo, mas era melhor tirar Mary do meio disso, de qualquer maneira.

—Eu tenho notas para preparar. Eu estou no meio de um julgamento — ela começou.

—Eu não vou deixar você aqui sozinha, com algum fugitivo rondando!— Ele disse a ela firmemente, com os olhos escuros relampejando. —Se você não gosta, azar!

Ela estava na dúvida entre protestar que ela podia se cuidar e concordar que ela não era equipada para lidar com um transgressor da lei—visto que ela, até então, não tinha uma arma de fogo.

—Se eu estivesse em sua posição, Mary,— ele disse, usando seu nome de batismo pela primeira vez, — eu não discutiria.

Os advogados representam a lei, não as cumprem.

Ela cedeu graciosamente. — Certo. Você ganhou. Mas eu vou precisar de minha pasta e meu laptop.

—Nós entraremos e os pegaremos. — Ele se levantou e caminhou de volta ao lugar de que vieram.

—Não seria melhor procurarmos pistas no celeiro primeiro?— Mary perguntou.

—Não — ele disse depois de um minuto. — Eu não estou preparado para rendê-lo, se ele estiver lá agora. E eu não quero estragar qualquer coisa menos ainda as pistas. Eu o segui até à rua, e estou certo de que foi ele. Vamos. Você pode ir para a cidade comigo. Eu voltarei com a polícia à procura de mais pistas.



Eles foram para a casa de Mary, onde ela empacotou seu equipamento e trocou a calça comprida cinza por um terno limpo e um suéter branco de tricô antes de se juntar a Curt na sala de estar.

—Se ele escapar nós seremos responsabilizados — ela ponderou.

Ele negou com a cabeça. —Eu penso que ele estava nos vendo. Ele pensará que nós somos desmiolados e limpará seus rastros até que a polícia procure no celeiro. Então ele voltará, se sentindo seguro.

—Espero que você esteja certo— ela murmurou.

—Você não sabe como eu também estou esperando— ele respondeu com um sorriso.

O sorriso a surpreendeu. A fez ficar tonta por dentro.

Ela sorriu de volta, se sentindo estúpida.

—Que idade você tem?— Ele perguntou.

—Vinte e sete.

Ela olhou para ele curiosamente. —Já foi casado?

Ele negou com a cabeça. — Sou muito ocupado. E você?

—Sim — ela surpreendentemente disse. —Quando eu tinha dezoito anos. Meus pais não conseguiram me convencer do contrário, então eles permitiram. Ele tinha dezoito anos também, muito maduro para sua idade. Eu era mimada e teimosa e nunca cedi uma polegada. Eu o deixei louco. Nós não estávamos casados há seis meses quando ele pediu o divórcio. Nós somos amigos agora — ela adicionou depressa. —Ele é casado e tem uma pequena família muito agradável.

—O que ele faz?— Ele perguntou, inexplicavelmente ciumento.

Ela pareceu embaraçada. — Ele é o treinador do futebol da escola secundária local.

—Eu odeio futebol— ele observou.

Ela riu. —Eu também. O que era parte do problema. O futebol era sua vida inteira.

Ele agitou sua cabeça. —Que tal esportes do inverno?— Ele perguntou quando eles saíram pela porta da frente.

—Patinagem sobre gelo e corrida em declive... — ela se ofereceu como voluntária.

—Grande! Eu amo esportes de inverno!

Ela olhou para ele. Era como um início.

Eles disseram a Jack o que eles descobriram na casa de Mary.

—Alguma idéia de quem o fugitivo é? Ele perguntou a Curt.

—Nossa, deixe-me pensar... — Curt disse zombando. —Existe uma testemunha federal escondida por aí, seu primo vive duas portas abaixo da de Mary, e alguém está vivendo no celeiro de Mary. Quem poderia ser?

Jack deu a ele um olhar contrariado.

—Ele é do FBI — Mary lembrou a Jack. —Você tem que fazer concessões.

—O problema é: eu não o apressei— Curt continuou.

—Eu não sei se ele está armado, mas suas conexões normalmente estão, e ele vem de um passado sombrio.

Mary concordou.



Isso era suficiente para dar a Jack a impressão de que Curt não estava pondo a mulher em risco.

—Nós não arriscamos civis, Senhorita Ryan — Jack disse a ela, só para deixar claro.

—Eu não sou exatamente um civil — ela assinalou.

—Você é, até onde eu estou preocupado — Curt colocou. —Por que você não fica e trabalha em seu caso?— Ele girou para Jack. Você tem um lugar onde ela possa ligar seu laptop enquanto nós conversamos?

—Claro. Ei, Ben!

Um dos policiais colocou sua cabeça na porta. —Sim, Chefe?

—Leve a senhorita Ryan para o escritório de Don e deixe-a usar sua escrivaninha. Ele não virá aqui hoje.

—Sim, senhor. Venha comigo, Senhorita Ryan.

Curt quis perguntar se Ryan era seu nome de casada, mas não teve oportunidade. Ela foi com o policial, conversando sobre laptops, enquanto saiam.

Curt esperou até que Ben fechasse a porta atrás deles antes de se debruçar para frente.

—O nome do sujeito é Abe - Hunt, — Curt disse ao chefe de polícia. —Ele tem um prontuário tão longo quanto meu braço.

Mary é corajosa, mas ela não é páreo para um sujeito do tamanho de Hunt no caso de que aconteça algo. Ele já trabalhou como lutador profissional. De fato, ele fez algumas lutas em seu passado. Nós precisamos tirar este sujeito de seu celeiro.

—A questão é: se nós o expulsarmos de lá, para onde ele irá? Não para casa de seu primo. Ele não é estúpido, não é?

Curt negou com a cabeça. —Seu primo está fora da cidade. Mas, apesar da casa estar vazia agora, não, ele não é estúpido. Mas ele está desesperado. Ele não quer que a máfia o encontre tanto quanto não nos quer. Vai ser um jogo de gato e rato a distância.

—Eu posso pedir a Agência de Investigação da Geórgia para nos ajudar com a operação de vigilância — Jack disse.

Curt movimentou a cabeça. —Isso seria uma ajuda. Eu posso conseguir um pouco de ajuda também, mas os agentes do FBI chamariam a atenção aqui. Eu tenho uma razão: estou visitando minha mãe, portanto, eu não despertarei suspeita se ficar rondando em seu terreno ou ainda se eu gastar algum tempo na casa de Mary.

—Vamos fazer uma busca diretamente no celeiro — Jack adicionou. —Isso dará a Hunt a sensação de que se nós não achamos nada, ele estará seguro lá.

—Bem pensado. Foi isso que eu imaginei.

Jack se levantou. —Eu examinarei cuidadosamente e farei uma procura completa. Você e Mary podem ficar no escritório de Don até que eu volte.

—Obrigado, Jack.

Ele deu de ombros. —É meu trabalho. Você pensou no que você fará quando nós pegarmos este sujeito? Ele não pode ser forçado a testemunhar.



—Ele pode se ele estiver na eminência de enfrentar uma sentença de prisão perpétua por ser um cúmplice de assassinato— Curt disse a ele. —Eu não mencionei que outra testemunha de potencial neste caso foi achada flutuando no Rio de Chattahoochee, com uma bala na parte de trás de sua cabeça?— Ele adicionou.

—Eu aposto que ele prefere entregar um amigo que ser culpado de um assassinato— Jack disse.

—O amigo é um dos grandes chefes do crime organizado, e que irá para a cadeira elétrica caso Hunt diga o que sabe. Então nossa testemunha não está fazendo nenhum favor a si mesmo escondendo-se no celeiro de Mary — Curt disse calmamente. —Pelo menos nós não vamos matá-lo de cara. Mas a população vai.

—Você quase me fez sentir pena do sujeito.

—Quase— Curt riu.

—Eu voltarei assim que eu puder. Tem café na cafeteira. Só ponha um quarto da caixa e o apronte você mesmo.

—Não, obrigado. Mary já me encheu de café antes de nós virmos pra cá— Curt recordou com um sorriso.

Jack apertou os lábios. —Bem, bem, fraternizando com o inimigo não é?

Curt encolheu os ombros. —Ela é uma bonita inimiga.

—Não há dúvidas... Até mais.

Curt sentou na cadeira em frente à escrivaninha onde Mary estava trabalhando. Ela olhou pra ele por cima da tela de seu computador portátil.

—Você está muito quieto— ela observou.

—Eu não quis perturbar você enquanto estava trabalhando—Ele respondeu.

—Estou organizando minhas anotações, de modo a tê-las em ordem quando for ao tribunal.

—O que este sujeito fez, por que você o está processando?— Ele perguntou.

—Ele contrabandeou um fardo de maconha no município em um caminhão misturado aos fardos de feno verdadeiros— ela disse. —E estava distribuindo isto para uma dúzia de crianças do segundo grau revender quando nós e os rapazes do DEA o pegamos.

—Crianças do segundo grau— ele murmurou. —Venda de drogas, atirando em colegas... Nós vivemos em um mundo louco.

—Todo mundo sabe por que — ela disse simplesmente. —Tempo demais sem supervisão, muito longe de seus pais, muito pouca luz natural, tempo demais gasto em frente a um teclado de computador, violência de vídeo games, e a lista continua sem fim. Mas ninguém tem uma solução.

Ele se debruçou de volta na cadeira e a estudou. —Faça suas crianças dizerem a você onde eles estão todo minuto— ele sugeriu. —Estar em casa quando eles chegarem em casa da escola. Conheça quem são seus amigos.

—Quantas crianças você tem?— Ela perguntou sarcasticamente.

—Isso era receita da minha mãe— ele disse com um sorriso.

—Obviamente, funcionou — ela teve que admitir.



—Para falar a verdade não. Eu encontrei um jeito de enganá-la e fazer o que eu gostava. Ela sempre teve um sono profundo. Eu podia sair pela janela depois que ela fosse para a cama e ela nunca percebeu. Até que eu fui preso. Eu estava no lugar errado, na hora errada — com um grupo de crianças usando drogas. — Ele fez careta. —Você sabe o que foi pior que ficar preso? Foi vê-la pagar minha fiança e a decepção em seus olhos quando ela olhou para mim. Eu a deixei para baixo. A magoei de verdade. Eu nunca me esqueci disto. — Ele sorriu. —Desnecessário dizer que eu mantive meu nariz limpo para sempre depois disso.

—Acho que sim. Sua mãe é uma pessoa realmente agradável— ela adicionou devagar.

—E você pensa que uma criança ruim tem pais ruins, certo?

—Oh, não— ela disse de uma vez. —Isto seria uma opinião ingênua. Alguns dos piores transgressores da lei tiveram os melhores e mais decentes pais que já se viu. Se uma criança é propensa a quebrar a lei, realmente não existe qualquer maneira de pará-la. Mas, uma vez que eles sentem as conseqüências, muitos deles têm medo da morte e se tornam cidadãos modelo.

—Eu sou prova viva disso— ele disse a ela com uma risada.

Ela o olhou. — Eu levei uma multa por alta velocidade uma vez— ela confessou.

—Sua garota ruim.

—Foi a única vez em que eu violei a lei. Meu pai me botou de castigo por dois meses. Por isso eu não fui ao meu baile de formatura, uma data que eu esperei mais que comida. Eu realmente aprendi minha lição.

—Você não conversa sobre sua mãe — ele notou.

Seu rosto ficou tenso. —Ela e eu não nos falamos.

—Por quê?

Ela olhou fixamente para sua tela de computador. —Ela deixou meu pai e foi embora com seu instrutor de aeróbica.

—Duro.

—Ele era um daqueles fanáticos por saúde que não comem comida de verdade e gastam cada segundo livre se exercitando. Eu acho que ele a deixou louca, porque ela o abandonou dois meses mais tarde e tentou voltar para papai. — Seu rosto endureceu. —Ele não a deixaria passar pela porta. Nem voltaria. Ela mudou para Califórnia. A última notícia que nós ouvimos, era que ela estava vivendo com um professor de artes marciais.

—Eu sinto muito.

—Ela não era uma mãe presente — ela respondeu friamente. —Era papai que me levava para festas e danças da escola e nas reuniões. Ela nunca estava perto. Ela ficava jogando *bridge* com seus amigos ou viajando para algum lugar.

—Ela não trabalhava?

—Ela não precisava, pois seus pais lhe deixaram uma pequena fortuna — ela disse friamente. —Papai nunca foi interessado em dinheiro, embora ele trabalhe duro — ela adicionou com orgulho óbvio.

—Você se parece com ele?

—Bem, eu não sou alta, mas nós temos a mesma cor — ela confessou.



—Ele tem educação universitária?

Ela o olhou. —Sim, ele tem. Ele conseguiu seu grau mais ou menos sete anos atrás. Eu fiquei tão orgulhosa dele!

—Eu espero que você esteja— ele disse com um sorriso.

—Ela nem se formou no segundo grau — ela adicionou friamente.

—Talvez educação não fosse importante para ela. Não o é, para algumas pessoas.

Ela levantou sua cabeça. —Foi para você.

Ele movimentou a cabeça. —Minha mãe trabalhou duro só para me mandar para a escola e ter certeza que eu tinha roupas para vestir e uma casa que eu não teria vergonha de mostrar a meus amigos. Quando eu comecei a universidade, ela me ajudou tanto quanto pôde, mas eu mesmo paguei a maior parte de minha instrução. Eu nunca falhei em um curso — ele orgulhosamente adicionou. —Eu trabalhei duro.

—Comigo também foi assim — ela disse. —Papai ajudou, claro, mas eu consegui por mim mesma entrar na universidade, através de bolsas de estudos e trabalhando como gerente assistente em um restaurante *self-service* à noite.

—Trabalho duro.

—Sim,— ela disse, compartilhando memórias com ele. —Mas eu me formei entre os dez por cento melhores de minha classe de formandos. O papai estava muito orgulhoso. Ela não veio.

—Você a convidou?— Ele perguntou.

Ela evitou seus olhos. —Bem, não. Porque eu soube que ela não viria— ela acrescentou agressivamente.

—E o seu ex?— Ele acrescentou.

Ela riu. —Nós não somos tão amigos assim— ela respondeu.

—Eu penso que sua esposa não gostaria disto. Apesar de ela ser muito boa.

—Sortudo ele.

—Eu sou boa também— ela disse. —Eu sei cozinhar. E sei até costurar um pouco.

Suas sobrancelhas se ergueram. —Você é auto-suficiente?

Seus olhos deslizaram até seu tórax. —Você parece melhor sem uma camisa— ela disse ousadamente. —E você não é sufocante e tão correto como eu pensei no começo. Você poderia ter potencial.

—Como o que?— Ele perguntou evasivo.

—Eu terei que pensar sobre isto— ela assegurou, e com um pequeno sorriso reservado, ela voltou para seu laptop.

Curtis Russell, o agente do FBI, dobrou seus braços através de seu tórax, se sentindo vagamente ameaçado. De um modo bom, claro.

Uma hora mais tarde, Jack voltou. Ele caminhou no escritório, olhando-o transtornado.

—Não tinha um único sinal de entrada ou ocupação em seu celeiro— ele disse. —Você está certo que você viu evidência de um vagabundo?— Ele perguntou a Curt.

Curt não respondeu à pergunta. Ele apenas movimentou a cabeça.



—Eu mandei os sujeitos examinarem cuidadosamente o lugar com lente de aumento. Não encontraram nada. Considerando a falta de evidência, como eu justifico uma operação de vigilância?

—Boa pergunta— Curt teve que admitir. Ele se levantou com um suspiro. —Eu acho que cabe a mim. Eu vestirei meu uniforme preto de vigilância e me sentarei no bosque com os *chiggers*⁸ a noite toda.

—Você pode ter se confundido — Jack persistiu.

—Eu poderia. Mas não me confundi— Curt disse simplesmente, na defensiva, porque a maior parte de suas declarações estavam sendo questionadas estes dias, por todo o mundo. Você comete um pequeno engano em sua vida, ele pensou consigo mesmo, e ele te segue até a morte!

Jack o estava observando. Ele fez uma careta. —Certo, Russell, eu farei qualquer que você quiser que eu faça, se você está tão certo.

—Eu levarei meu telefone celular comigo. Assim que eu chamar, venha correndo — ele adicionou. —Isto é tudo que eu te pedirei. Oh, mais uma coisa — ele disse com um olhar sentido. —Diga a seus *meninos* para não me prenderem com algemas no caso de que quaisquer dos vizinhos me vejam e resolvam denunciar. Certo?

Jack escondeu um sorriso. —Certo.

—E eu?— Mary perguntou.

—Você vai para a cama sonhar com brilhantes audições— Curt lhe disse. —Enquanto o FBI protege você.

—Nossa, como sou de sorte! — ela zombou.

—Não comece com isto novamente, ou eu pingarei mel em seu quarto e o despejarei em seus pés. Lembra das formigas...?

—Você não pode ameaçar mulheres — ela assinalou —É contra a lei.

—Quem está ameaçando mulheres? Eu estou só planejando alimentar formigas.

Ela o olhou carrancuda, mas ele já havia saído para fora da porta com Jack enquanto ela estava desligando o interruptor do seu laptop.

Não tinha chovido, mas o bosque estava úmido à noite. Curt estava desconfortável em sua cama de folhas, com seu telefone celular em um bolso e o dispositivo de comunicação em uma orelha. Tudo que ele ouvia eram grilos.

Não existia nem um uivo alto ocasional de Big Red na sala de estar da sua mãe. Desde a noite anterior o cachorro tinha ficado estranhamente mudo.

Quando ele retornou para casa, depois de ter sido preso, ele implorou que ela telefonasse um lar temporário para os animais de estimação e levasse aquela ameaça cabeluda, mas ela já estava muito ligada ao grande cachorro. De fato, ela saiu mais tarde no dia e comprou, desafiadoramente, uma ração *Premium* para o cachorro.

⁸ A forma larval de um tipo de ácaro, invisíveis a olho nu. Provocam coceiras terríveis pelo corpo de quem com elas entra em contato.



Curt assumiu essa responsabilidade e telefonou para clínicas de veterinários perguntando sobre o grande cachorro, mas ninguém havia reclamado nenhum cão perdido. Provavelmente, ele resumiu, o dono anterior estava apreciando seu sono e não quis o incômodo de volta novamente.

Depois de passar a noite lutando por um espaço suficiente para se sentar no sofá e com um longo suspiro de sofrimento, Curt levantou para se preparar para seu trabalho da noite. Quando ele partiu, Big Red seguiu direto para o quarto da sua mãe com ela. Ele se dirigiu silenciosamente para a porta dos fundos e saiu para espionar.

Ele estava observando o celeiro discretamente, mas ele estava e permaneceu vazio. Ele sabia que tinha visto sinal, sinal positivo de que o culpado tinha andado por lá, às voltas do celeiro. Mas ele não tinha nenhuma prova. E, ao ver que a polícia tinha visitado o local, o homem ficou alerta, apagando todas as pistas habilmente.

Isso o levou a se perguntar se ele estava de olho no homem certo. A testemunha federal em potencial, Abe - Hunt, era um garoto de cidade, nascido e criado em Miami. Ele não tinha antecedentes que incluíam atividades ao ar livre, inclusive escoteiro ou outras características de jovens rurais. Então como um cara como ele poderia assim apagar os sinais de sua ocupação?

Existia outra coisa curiosa. O primo do homem, que morava naquela rua, parou de trabalhar, pegou sua esposa e as crianças e deixou cidade. Curt tinha ido a sua casa durante a noite, se movendo furtivamente ao redor dela para se garantir de que a família não a tivesse desocupado totalmente para que o primo pudesse se esconder lá. Mas não havia nenhum sinal de que alguma coisa tivesse sido mexida desde a partida repentina da família.

O celeiro estava vazio e permanecera vazio. Estranhamente, o grande cachorro não estava uivando na janela hoje à noite. Tudo estava suspeitosamente pacífico. Curt se debruçou contra uma árvore com um suspiro quieto e assistiu a noite passar.

Capítulo 4

Curt se arrastou pela porta dos fundos da casa de sua mãe pela manhã, e foi recebido pelo balançar da cauda e um latido do grande cachorro vermelho.

– Ele não é doce? – Matilde perguntou da cozinha, onde ela estava virando panquecas em uma frigideira. – Venha tomar o café da manhã, querido. Você deve estar cansado.

– Muito cansado... E tudo para nada – disse após tirar o gorro negro e pegar uma toalha de papel para limpar a pintura de camuflagem. – Não tinha nenhum indício de ninguém.

– Me dei conta. Big Red não latiu.

Ele franziu o cenho. – Por que você acredita que seja?

– Bom, ele estava uivando e latindo como louco na noite em que você e Mary foram presos, e disseram que alguém levou a comida da cozinha dela. Inclusive me acordei quando os levaram.

– Estava fora – ele apontou.



– Estava em baixo da janela de meu dormitório, querido, na porta do sótão, ela corrigiu. – Ele é muito forte.

– Sim, ele é. Estranho, ele não estava latindo ali, – disse quase para si mesmo.

– Lave as mãos Curt.

Ele o fez, distraidamente, na pia de cozinha. Você não quer dizer que acha que o nosso fugitivo tenha se escondido no nosso sótão enquanto estávamos atrás dele não é? Ele perguntou a si mesmo.

– Nós não trancamos a porta – respondeu ela.

– Hoje vou colocar um cadeado e trancá-la, – disse enquanto sentava à mesa. – Se ele fez isso, não fará outra vez.

– Não é curioso que um fugitivo tente se ocultar perto de um agente do FBI? – Sussurrou enquanto se servia do café da manhã.

– Eu estava pensando a mesma coisa. E enquanto isso seu primo vive na rua, e ele não está fugindo do local, pois há um monte de lugares mais seguros.

– Exatamente o que eu pensei.

Depois do café da manhã e de ir à loja de ferramentas, Curt foi ao escritório do Distrito do FBI no Condado de Lanier para encontrar Hardy Vicks. Chegou bem antes do almoço.

– Eu tive um pensamento louco, – disse a seu superior.

– Sim?

Curt se recostou na cadeira. –Não gostaria de falar sobre isso até que esteja seguro. Mas, você poderia me liberar dois homens para uma operação de vigilância durante 24 horas?

A resposta foi tão alta que a secretária colocou a cabeça na porta para ver porque seu chefe ria tanto.

– Não faz mal – Curt murmurou. – Vou pedir à polícia local ou ao GBI, ou ao Departamento do xerife. E se pegarmos quem eu acho que vamos pegar, os jornais poderão dar a eles o crédito!

– Russell, você acredita que está sempre certo que sabe o que está acontecendo – recordou o seu superior hierárquico, – e muitas vezes não tem nem uma pista. Você ainda ficava perseguindo a loira em Santo Antonio, naquele importante caso de assassinato no Texas, quando a esposa do vice-governador estava na mira para ser assassinada.

– Ela era uma testemunha material e a peguei – lembrou ao outro homem. – E até consegui sua extradição da América do Sul para ser julgada.

As sobancelhas de seu superior se levantaram. – Sim, eu suponho que conseguiu. Ele pensou por um minuto. – Ok, eu vou ver o que posso fazer sobre uma unidade de vigilância, já que este é um caso federal. Onde é que vamos colocá-los?

– Em meu sótão – Curt respondeu.

– Enterrados até o pescoço na terra com as serpentes e aranhas! – exclamou o outro homem.

Curt o olhou. – É divertido no sótão. Há inclusive uma mesa de bilhar, se eles gostarem.

O outro homem sorriu. – Nesse caso, eu mesmo poderia assumir a tarefa. – Sou campeão de bilhar.



Por pouco Curt não sugeriu que deveria ser devido ao formato da cabeça do chefe se parecer assustadoramente com uma bola branca.

– Entrarei em contato, embora, possa demorar alguns dias.

– Muito bem – disse Curt. – Esperemos que o fugitivo não se assuste e saia correndo enquanto isso.

– Para isso é que te pagam, não é Russel? – O recordou alegremente.

Na saída do prédio, Mary Ryan o alcançou. Usava um terno com calças cinza de aspecto muito profissional.

– Alguma novidade? – ela perguntou.

– Sim. Meu chefe gosta de jogar bilhar, – disse irritado.

Ela riu. – Então não é dos meus.

– Ele pode demorar uns dois dias para me ceder uma equipe de vigilância, – disse com impaciência. – Porém acredito que nosso provável fugitivo será pego logo. Quando a polícia nos prendeu, o cachorro uivava na janela do dormitório de minha mãe, bem onde é a porta do sótão.

Ela assoviou. – Você acredita que ele poderia estar em sua casa?

Ele concordou com a cabeça. – Entrei lá depois do café da manhã, para comprovar – disse. – Não tinha sinais evidentes, porém um par de livros estava fora do lugar e as bolas do bilhar estavam espalhadas na mesa. Sempre as deixamos nas caçapas.

Estreitou os olhos. – É muita cara-de-pau para quem está fugindo, não é?

Ele concordou lentamente, com as mãos nos bolsos. – Eu pensei a mesma coisa. Ele age mais como presa do que como predador.

– Eles não querem que Abe–Hunt fale – ela continuou.

Ele poderia enviar muitos de seus chefes para a prisão com o que ele sabe.

– Ele poderia enviar um deles para a morte. E Hunt não poderá se esconder de nós o tempo todo, – ela acrescentou. – Poderia ter um assassino à solta atrás dele, e por isso está correndo assustado. Ele tem medo de alguém chamado Daniels.

Ela assoviou. – Oh, isso é simplesmente genial. Vou dormir tão bem sabendo que poderia ter um assassino a solta, escondido no meu celeiro e no sótão.

– Também não estou tranquilo – ele disse. – E minha mãe está na linha de fogo, também.

– Pelo menos você tem o cachorro – comentou.

Ele apertou os lábios. – Outra peça estranha deste quebra–cabeças – ele concordou.

– De onde vem? Onde está seu dono? Por que está vivendo com minha mãe?

– Por que ela gosta de cachorros? – se atreveu.

– Apareceu em um momento estranho.

Olhou para cima e para baixo da rua. – Vou comer uma bela salada. – Quer vir comigo?

Olhou seu relógio. – Acho que vou aceitar. Quando chegar em casa, a sopa que minha mãe prometeu guardar, já terá ido para o cachorro.

Ela começou a rir. – Sua mãe é uma figura.



— Você nem imagina o quanto. Quando eu era criança, nunca sabia quando ela chamaria para avisar que iria chegar tarde. Uma vez ela foi no banco de trás de um carro de polícia esperando eles derrubarem um franco-atirador para entrevistá-lo. Noutra, foi correndo para a cena de um ataque relacionado com drogas.

— Parece uma vida excitante.

Seus olhos escuros brilhavam enquanto caminhavam para um café ali perto. — E foi. Tinha policiais ao seu redor a maior parte do tempo, homens e mulheres. Não seriam necessárias muitas suposições para entender porque ela sempre sabia das coisas antes dos outros jornalistas.

— Porém ela se aposentou.

— Quando eu entrei em minha adolescência, eu comecei a dar trabalho — ele confessou. — Ela desistiu de um emprego mais remunerado para fazer trabalhos particulares de forma que ela estivesse por perto quando eu precisasse dela. Acredito que tenha sido uma boa coisa. Eu estive diretamente ligado com o inferno durante algum tempo. Não importa quanto uma mãe é boa, não existe nenhum substituto verdadeiro para um pai quando meninos estão envolvidos. Isto não é uma declaração politicamente correta — ele adicionou com um longo olhar — mas é minha opinião.

Ela sorriu tristemente. — Eu não posso imaginar a vida sem meu pai.

— Eu gostaria de conhecê-lo.

— Verdade? — Seus olhos se iluminaram.

Ela era bonita quando ficava animada. Ele sorriu para ela e percebeu suas bochechas corarem ligeiramente antes dela se mover para frente na fila com sua bandeja. Quando ela ergueu um copo para enchê-lo com gelo, um viu um pequeno tremor em seus dedos longos e bonitos. E ele se sentiu agradavelmente lisonjeado.

Sentados à mesa, compartilhando um prato de salada de vegetais e batatas fritas, eles conversaram sobre o caso da máfia em Atlanta.

— Se realmente existe um assassino acampado em nosso bairro — ela disse, — nosso fugitivo deve saber disto. Então por que ele está lá?

— Esta é uma pergunta que eu gostaria de poder responder. Eu não ousei dizer a meu chefe o que eu suspeito — Ele fez uma careta. — Eu tive um problema no meu último caso. Eles têm me dado pouco crédito desde que me juntei a eles.

— Pelo que se diz no tribunal, você teve alguma ajuda nisso — ela pescou.

— Sim, de Marc Brannon. Ele esteve com eles por dois anos. Ele é um Texas-Rangers. Eu, bem... trabalhei com ele em um caso de assassinato no Texas. Realmente, ele está relacionado ao vice-presidente e o procurador público do estado, também.

— Você mexeu os pauzinhos — ela arriscou.

— Era o único jeito para entrar na Agência e ficar fora da prisão — ele riu. — Eles tiveram que concordar que eu fiz um trabalho decente de investigação, apesar de tudo. Mas eles pensam que estão me castigando me colocando aqui no norte da Geórgia, longe da ação.

— Para mim parece que você caiu direto no meio da ação, se o que nós estamos achando é verdade — ela comentou.



—Foi o que eu pensei. Então nós teremos que lidar com isto direito.

—Nós?— Ela perguntou, com sua xícara de chá suspensa em seus lábios.

—Eu tive companheiros de trabalhos que eram bem menos encorajadores — ele assinalou, mordendo o lábio. — Além disso, você tem conexões. A polícia realmente confia em você.

Ela o olhou. —Eu nunca disse a você o que meu papai faz para viver, não é?

Ele agitou sua cabeça, fascinado.

—Ele é um policial.

Ele riu. —Agora, por que eu não adivinhei?

—Ele está na administração desde que ele conseguiu seu grau, mas ele foi um policial de rua por anos— ela adicionou. —Eu aprendi muito só vendo e ouvindo.

—É assim que todos nós aprendemos.

—O que você vai fazer agora?

—Eu estou indo inspecionar meu porão.

Ela o olhou. —Que excitante! Importa-se de inspecionar meu celeiro, também?

—Eu suponho que eu terei que fazê-lo, se nós esperamos pegar alguém. Nenhum dos meus superiores tem muita confiança em minhas suspeitas.

Ela aproximou-se da mesa e deslizou os longos dedos de sua mão sobre a dele e sorriu. — Você mostrará a eles.

Seu coração acelerou. Ela o fazia acreditar ser capaz de fazer qualquer coisa. Seus olhos brilharam. —Obrigado.

Ela deu de ombros. —Às vezes, tudo o que se precisa é de alguém para acreditar em nós— ela disse simplesmente, e retirou sua mão. — Eu vou ajudar de qualquer maneira que eu puder — ela adicionou.

—Eu te colocarei a par sobre minhas suspeitas— ele prometeu.

Curt voltou para casa, irritado com sua falta de progresso no trabalho.

Sua mãe estava espreguiçada no sofá com seu laptop, enquanto o grande cachorro estava refestelando de costas no tapete, meio adormecido. Apenas abriu a pálpebra longa o suficiente para olhar para ele, antes de fechá-lo novamente.

—Grande cão de guarda! — ele murmurou, sentando em frente a ela em uma cadeira.

—Onde você estava?

—Tentando convencer pessoas a acreditarem que eu não sou um idiota— ele suspirou.

—Você não é um idiota, querido.

—Obrigado.

—Eu posso ajudar?

Ele lhe olhou longamente. —Sim. Você cobriu bastante casos de assassinato e extorsão. Quem você pensa estar lá for a, no celeiro de Mary Ryan?

—Abe—Hunt, sua testemunha federal que não testemunhará— ela respondeu com um sorriso. —É nisso que seu chefe não acreditou?

Ele miseravelmente movimentou a cabeça.



Ela deu de ombros e voltou para seu teclado. — Infelicidade dele. Pegue sua testemunha, querido, e deixe os outros tentarem desculpar seus enganos.

—Você soa muito confiante.

—Eu criei você para ser o melhor no que você faz. E você é. — Ela olhou para ele com um sorriso carinhoso. —Então por que você está sentado aqui não fazendo nada?

Ele riu quando se aproximou de seus pés. —Eu irei ao porão para converter arame e baterias e luzes em material de espionagem — ele observou, se esticando. —Boa coisa eu saber eletrônica.

—E você não queria ir para uma escola técnica— ela criticou.

—Eu só fiz dois semestres— ele lembrou a ela. —Longos o suficiente para saber que eu não tinha aptidão para conserto de televisão. Mas eu aprendi como fazer dispositivos de escuta— ele adicionou maldosamente.

Ela olhou para ele. — Sim, eu me lembro...

—Eu nunca disse a ninguém exceto a você o que eu descobri— ele protestou.

—Aquilo era ilegal. Imagine! Escutas no escritório de chefes de polícia!

Ele a olhou.

Ela acenou para ele e saiu sem falar nada.

Ele não lhe disse que ele tinha aprendido a maior parte do ofício de um aluno mais velho que trabalhava disfarçado, até então. Mas ele tinha prestado atenção e absorvido tudo que podia, porque ele pensava em fazer carreira como agente federal.

Levou a maior parte da tarde para amarrar com barbante o arame — já que ele não tinha os percevejos sofisticados que eram alimentados por baterias minúsculas. Mas o que ele tinha era viável, incluindo uma grade padrão de dispositivos sensíveis ao peso preparada de papelão, arame e fita, que revelariam a presença de alguém pesando mais de quarenta libras. Isso excluía a maior parte dos cachorros do bairro. Ele enganchou seu dispositivo em uma tábua central com luzes pequenas e fez sua mãe caminhar através do jardim de Mary, aparentemente para escolher um rabanete, mas era, na verdade, para deixá-lo testar seu equipamento.

Claro, se um assassino estivesse realmente lá fora, e observando, ele saberia quem era Curt. Mas Curt poderia apostar que ele estaria dormindo em algum lugar, de forma que estivesse acordado e atento durante a noite para continuar a vigilância — supondo-se que Hunt também rondaria por ali essa noite, embora isso não explicasse o que nenhum dos dois, principalmente Hunt, estaria fazendo neste bairro.

Se fosse por isso que o assassino estava aqui.

Se existia realmente um assassino.

Pela primeira vez, Curt estava começando a duvidar de suas próprias suposições. Ele havia cometido muitos enganos estúpidos, como não ser suficientemente rápido para evitar que o primeiro-ministro russo de ser chifrado por um touro Brahma no verão na casa do presidente no Texas. Uma semana no Pântano de Okefenokee o curou de seu descuido, mas ele cometeu outros enganos. E se ele só estivesse fazendo suposições aqui, que não fossem verdade? Se ele não



pegasse a testemunha federal ele seria mais uma vez criticado. Seria motivo de piadas da comunidade policial inteira. Ele bloqueou o pensamento.

Então ele se lembrou das palavras de Mary Ryan, e o olhar em seus olhos suaves quando ela lhe disse que confiava nele. E então ele viu sua mãe caminhar através do jardim de Mary, aparentemente para colher um rabanete, quando seu sensor de fabricação caseira se iluminou como uma árvore de Natal a todo passo que ela dava. Nossa, ele era bom, e estava certo, e iria provar isto para aqueles enfardadinhos da corporação!

Já era tarde aquela tarde, quando Mary chegou em casa, ele atravessou a rua de calça jeans e camiseta para conversar com ela.

Eles entraram em sua cozinha, mas antes dela dizer uma palavra, ele levantou sua mão e pegou um dispositivo eletrônico de seu bolso. Isto era velho, mas funcionava bem da mesma maneira que quando ele comprou há cinco anos atrás. Ele varreu o cômodo atrás de escutas, mas não achou nada.

—Só por segurança— ele a tranquilizou, guardando o aparelho em seu bolso de trás com um sorriso. —Tenha cuidado quando você sair no quintal. Eu coloquei um dispositivo nele.

Ela olhou fixamente para ele. —Você fez o que?

—Coloquei fios em seu quintal. Eu instalei dispositivos sensíveis a pressão em toda a extensão entre o celeiro e a rua...

—Em minhas plantas de tomate?— Ela exclamou, horrorizada.

Ele a olhou chateado. —Não em suas plantas. Nas ervas daninhas. Aquelas coisas amarelas...

—Meu mal-me-quer... — ela lamentou. —Eles são controle de peste orgânico!

—Você vai me ouvir?— Ele perguntou desgostoso... —Não é hora para ficar furiosa por causa de algumas flores. Este dispositivo poderá salvar sua vida!

Ela respirou fundo. Ele não podia ser culpado por estragar todas as suas plantas. O departamento de polícia pisou em várias enquanto eles estavam procurando por pegadas lá fora. — Certo — ela disse, entre os dentes.

—Quando isto acabar, nós iremos à loja que fornece artigos de jardinagem e eu comprarei para você dez mudas de flores — Ele prometeu.

—Eu as plantei desde a semente...

—Não comece com isto novamente!

Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para ele. —Você não tem nenhuma idéia do que um jardim representa, não é?— Ela falou, furiosa.

Ele moveu-se para a frente, pegou-a pela cintura, puxou-a contra seu corpo alto e poderoso, e a beijou ferozmente. Ela lutou por alguns segundos, depois ficou quieta e então, lentamente, começou a se debruçar sobre ele. Suas mãos descansaram em sua cintura esbelta e então deslizaram acariciando levemente suas costas. Sua boca se abriu sob a dele e seus braços a apertaram mais.

Já havia muito tempo que ele não gostava tanto de beijar uma mulher. Ele não percebeu quanto tempo estado assim até que ela começou a protestar que a estava machucando.



Ele ergueu sua cabeça, ofuscado, olhou fixamente abaixo em seus olhos nublados.

—Você faz isto muito bem — ela comentou sem fôlego.

—Obrigado. Você também.

Ela procurou seus olhos escuros. Ele olhou de volta nela com paixão apenas contida.

—O jardim representa as crianças que você não tem— ele murmurou, observando seus lábios inchados em vez de seus olhos chocados.

—Você tem que ter algo para cuidar, então faz isso com legumes e flores em vez de crianças.

— Ele a beijou novamente, com avidez. —Você podia tentar cuidar de mim— ele sugeriu contra sua boca. —Minha mãe está cansada de meias sujas no chão do quarto e de toalhas molhadas debaixo da pia.

Ela riu roucamente. —Você pensa que eu gostaria de ter toalhas molhadas debaixo da minha?

—Por que não?— Ele murmurou, beijando-a novamente. —Nós temos profissões semelhantes e nós somos ambas pessoas agradáveis. Poderíamos plantar alface no inverno.

Ela mordiscou seu lábio inferior. —Vou pensar sobre isto.

—Faça isto. Entretanto, — ele adicionou ironicamente, se movendo suavemente para longe dela, — nós poderíamos voltar ao assunto em pauta. Que é o fato de eu ter instalado dispositivos de segurança em seu celeiro e no porão da minha mãe. Um cachorro não pode caminhar ao redor daqui sem disparar alarmes.

—Que tal um gato... Ou um rato?— Ela perguntou com um sorriso atrevido.

Ele bateu em seu nariz com seu dedo indicador. —Não ria de minhas elaboradas engenhocas. Eu vou pegar alguém hoje à noite, nem que seja o Peeping Tom⁹. Minha reputação está em jogo.

—Eu não diria isto— ela disse com um sorriso recatado.

Ele sorriu de orelha a orelha.

Embora Curt tivesse ficado sentado em seu porão até as primeiras horas da manhã, seu dispositivo não se iluminou. Nada aconteceu no bairro. O cachorro dormiu como morto ao lado da cama de Matilde Russell.

Curt se deitou ao amanhecer, tão cansado e estropeado que ele mal podia conseguir manter seus olhos abertos. Acordou no início da tarde. Abriu os olhos sentindo algo molhado em seu braço descoberto.

Ele olhou em redor e viu o cachorro, sentado calmamente ao lado da cama, colocando as patas em cima dele.

—Oh, *argh!*— Curt murmurou, enxugando seu braço no lençol. —O que há com você?— Ele exigiu.

O cachorro continuou ofegando. Realmente lhe pareceu que ele estava tentando sorrir. Ao mesmo tempo ele batia no chão com seu rabo grande e o pum-pum-pum que ressoava estranhamente o estava acalmando.

⁹ Lendário personagem da história de Lady Godiva que, desobedecendo o toque de recolher imposto para que a dama pudesse andar nua a cavalo durante a madrugada, teimou em espiá-la, ficando cego por isso.



Com um suspiro, Curt esticou sua mão magra e esfregou Big Red na cabeça suavemente. —Você não é tão ruim, eu acho... Ei, o que é isto?

Ele sentiu um nó no gancho da coleira, que tinha lhe passado despercebido. Ele se sentou bem acordado agora, e desabotoou a coleira. Tinha algo preso lá. Ele removeu a fita preta para revelar um tubo magro. Torceu para abrir.

—Que inferno de coisa é essa?— ele murmurou para si mesmo. E retirou um pedaço fino de jornal com algo escrito nele.

—Curt, o almoço está pronto, querido!— Sua mãe chamou da cozinha. —Você está acordado?

—Eu estou acordado!

Ele abriu o jornal e olhou para ele com grande curiosidade. Existiam letras e números nele, mas sem nenhuma conexão. Era como um código.

Ele saiu da cama, colocando o tubo de volta no cachorro segurando seu pescoço quando ele protestou pelos movimentos das mãos de Curt.

—Achei algo— Curt disse a sua mãe quando ele entrou na cozinha. Ele já tinha retirado as escutas na noite anterior, e estava certo que eles não estavam sendo escutados. —Olhe para isto.

Ele deu o jornal a ela. Ela o estudou com olhos estreitados e inteligentes e o devolveu. —Código?

Ela perguntou em voz alta.

Ele estudou os números novamente. —Sim — ele disse. —Tem algum sentido, mas eu não consigo compreendê-lo.

—Onde você achou isto?— Ela perguntou.

—Em tubo escondido debaixo da coleira de seu novo mascote—Ele disse a ela. —E parece como se tivesse estado lá durante todo o tempo. — Ele estava preocupado. —E se a testemunha federal estava tentando entrar em contato comigo, e o cachorro era seu mensageiro? Eu perdi dias, porque eu não entendi por que o cachorro estava aqui!— Ele explodiu.

—Nenhum de nós teria pensado sobre procurar por uma mensagem em um cachorro, querido — Matilde disse a ele com um sorriso divertido. — Sente-se e almoce. Depois nós examinaremos isto um pouco mais. Ouviu qualquer coisa ontem à noite?— Ela adicionou.

Ele negou. —Estava tão quieto quanto uma igreja na segunda-feira— ele murmurou, aceitando uma xícara de café quente de sua mãe. —Nenhuma luz, nenhum som, nada. É a coisa mais maldita. Eu tenho certeza que tinha alguém no celeiro da Mary. Eu tenho quase certeza que nós tivemos alguém em nosso porão. Mas todo mundo desapareceu. Inclusive o primo de Hunt, que deixou trilhas de fogo ao sair do bairro.

—Os primos voltaram.

—O que?

—Passaram por perto enquanto eu tomava o café da manhã esta manhã— ela disse candidamente. —Eu os vi saírem do carro. Era só ele e ela e suas duas crianças, o menino e a menina.

—Ninguém mais?— Ele perguntou com desconfiança.



Ela negou com a cabeça. —Eu fixei minha atenção na perua¹⁰ deles, só para ter certeza que ninguém rastejasse fora dela— ela adicionou. —Mas eu não vi nem uma alma.

—Talvez eles tenham ajudado Hunt ir a algum lugar e então o deixaram lá— ele refletiu alto. —Isso explicaria a falta de atividade.

—Explicaria— ela teve que confessar. —Mas o que está mensagem significa diante de tudo isto?— Ela adicionou, indicando o pedaço de jornal em sua mão.

Ele fez uma careta. —Eu não sei. As letras e os números são codificados, mas mesmo assim, eles não fazem sentido. Não é uma combinação— ele adicionou distraidamente, estudando-os. — ou um número memorizado, de qualquer tipo que eu reconheça.

—Coordenadas?— Ela sugeriu.

Ele agitou sua cabeça. —Não me parece possível.

—Leia eles para mim.

—LPST23LBSDB129— ele murmurou. Ele agitou sua cabeça. —Vê? Não faz nenhum sentido.

—Existia qualquer outra coisa no tubo?— Ela ponderou.

—Um pedaço de papel de embrulho, aparentemente foi colocado lá para esconder este pequeno pedaço de jornal branco... Espere...

Ele levantou e parou o cachorro, que estava bebendo água. —Desculpe, cara— ele murmurou quando ele pegou o tubo novamente. Ele o abriu e teve que usar uma chave de carro para alisar o pequeno tubo de papel marrom rígido que estava ali escondido. Ele voltou a coleira para seu lugar, levantou-se, e desdobrou o tubo rígido.

—Eureca!— Ele explodiu.

Capítulo 5

Curt gastou apenas o tempo de explicar seu achado para sua mãe e colocar suas roupas antes dele se apressar para o carro e dirigir, ele mesmo, em velocidades acima do normal, para o Tribunal no Município de Lanier.

Felizmente, o Caso de Mary se concluiu cedo com um veredicto rápido. Ela estava arrumando os documentos na sala do tribunal quando Curt explodiu lá dentro.

—Eu preciso de você — ele disse, dando-lhe tempo apenas para fechar sua pasta antes dele pegar em sua mão e a arrastá-la diretamente para fora da sala do tribunal e do edifício.

—Mas eu tenho que ver o escrivão— ela protestou.

—Você pode telefonar e pedir a seu assistente para fazer isto. Temos uma pista!— Ele a colocou em seu carro, entrou, ligou, e deu a ela o jornal dobrado e o papel de embrulho.

—É uma nota de penhora!— Ela exclamou.

¹⁰ Designação para uma espécie de carro que tanto carrega carga quanto passageiros, utilizado por famílias maiores, devido ao seu tamanho, o que lhe confere espaço e conforto.



—Sim! Eu tenho algo mais, também. — Ele apalpou seu bolso e deu a ela a confusão de letras. —Você pode decifrar o código que está em sua mão?— Ele a desafiou, tendo já feito as conexões ele mesmo.

—Sim. Vamos ver... É a casa de Penhora de Lanier, isto é o ingresso, então existe outro conjunto de cartas e números... — Levantou a cabeça. —Se eu estiver certa, isto é um ingresso de penhor para uma chave da caixa forte, que está localizada no Banco da Cidade de Lanier!

Ela a olhou. —Menina inteligente.

—O que você pensa que é?— Ela exclamou.

—Eu não tenho nenhuma idéia. Mas com sorte, será algo concreto que provará que o chefe da máfia de Hunt cometeu um assassinato para parar uma investigação.

Ela estava tão excitada quanto ele. Eles entraram na loja de penhor com o ingresso. Enquanto eles esperaram, receberam uma chave da caixa forte do balconista na loja. Então correram para o banco. Mostraram suas credenciais e mesmo assim tiveram que falar com o presidente do banco para presidir a abertura da caixa de depósito seguro.

Mas quando eles inseriram sua chave, existia uma surpresa esperando. A chave não combinava.

—Como que pode ser?— Curt explodiu. —Isto é o número certo. É a chave certa!

O presidente do banco estava coçando sua cabeça quando uma mulher jovem que estava de pé desconfortavelmente atrás deles falou mais alto tremulamente.

—Não foi minha culpa, senhor— ela gemeu. —Eles tinham credenciais, também. Eles disseram que eram do Departamento de Justiça. E perfuraram a caixa e removeram o conteúdo, e então nós tivemos que mudar a fechadura...

O presidente do banco estava lívido. —Você não me disse nada sobre isto, Senhorita Davis!

—Senhor, eu disse a meu supervisor. O senhor estava viajando— ela adicionou defensivamente. —Foi há três dias!

Curt amaldiçoou debaixo de sua respiração. Lá se foi sua evidência.

—Nós podemos ter a caixa perfurada novamente— o presidente do banco disse, transtornado.

—Não se aborreça— Curt respondeu quietamente. —Agora, a pouca evidência que eu tinha se foi. Fomos regiamente ludibriados. Mas obrigado por sua ajuda.

—Sorte maldita!— Ele explodiu quando eles estavam voltando ao palácio de justiça. —Se eu tivesse examinado o cachorro três dias atrás!

—Quem teria esperado que um cachorro perdido levasse evidência de um crime?— Ela o confortou. —Você não é o super-homem, viu?

Ele fez uma careta. —Eu tenho vontade de me chutar. A evidência se foi, a testemunha se foi, e eu voltei para a casinha do cachorro novamente.

—Eu não vi quaisquer outros agentes federais fazendo melhor que isso — ela assinalou. —Pelo menos você tem tentado!



—Mas isso não me ajudou em nada. Eu tenho estado em vigília a noite toda, demarcando o bairro, e eu não tenho nada para mostrar. Exceto alguns mal-me-quer mortos— ele acrescentou com um sorriso triste.

—Eu tenho bastante sobrando— ela o assegurou. —Não se castigue por isso. Eu poderia fazer o jantar para você hoje à noite— ela adicionou. —Então nós poderíamos ir e jogar bilhar em seu porão. Eu amo bilhar.

—Você?

Ela sorriu. — Meu ex e eu costumávamos ser os terrores das mesas quando nós estávamos na faculdade.

Ele suspirou. —Isso seria um final agradável para o dia. Algo que eu queria muito— ele adicionou com um sorriso lento. —Obrigado.

Ela encolheu os ombros. —Somos amigos não?— Ela perguntou e ele sorriu de volta.

No fim, a Sra. Russell cozinhou para todos eles. Cozido de presunto e salada de batata com pão caseiro de Matilde Russell, eles tiveram uma conversa alegre sobre o sistema de justiça criminal e os excessos das estações de notícias de vinte e quatro horas.

Posteriormente, deixando o cachorro com sua mãe, Curt foi até o porão e juntou as bolas na mesa de bilhar.

—Eu nunca perguntei, ele murmurou. —Você ganhou seu caso?

—Não o mais recente, ela respondeu com um sorriso minúsculo. — Eu lutei muito, mas o júri não acreditou que o pobre homem faria algo tão desonesto como se aproveitar de seu vizinho bêbado e roubar sua terra. Porém, eu ganhei o dos traficantes de droga. — Ela encolheu os ombros. —Você ganha algum, você perde algum. A vida é assim.

Ele a deixou começar. E sentiu muito quando ela limpou a mesa com perícia. Ele riu quando ele mesmo acumulou as bolas novamente e a limpou também.

Empatando, eles jogaram em pontos até que ficou tarde.

—Eu estou passando um tempo muito bom, ela disse, finalmente, mas eu tenho uma reunião às nove da manhã de amanhã. Eu vou ter que... Curt?

—Humm?— Ele murmurou, cutucando as bolas nos bolsos para limpar a mesa.

—O que são aquelas luzes?

Ele girou, pouco concentrado no que ela estava dizendo. Então ele notou onde seus olhos estavam, e seu coração parou e disparou novamente. Era seu dispositivo, o que ele fez e esqueceu na decepção sobre a caixa de depósito seguro. O padrão de grade no jardim de Mary estava iluminava como um navio em feriado no porto.

—Alguém está em seu celeiro novamente!— Ele exclamou.

—Como você sabe?

Ele explicou, brevemente, o padrão de grade e como trabalhou nele. —Vê? Alguém entrou no celeiro. Nós o temos!

Olharam-se boquiabertos. —Você entrará lá sozinho, hem?

Ele pegou seu casaco de onde o tinha deixado e o pendurou em seu ombro sem uma palavra. Ele fustigou ao redor de seu tórax e verificou sua 45 automática. Seus olhos escuros,



sérios encontraram os dela. — Você vai lá para cima e telefone para o Jack. Peça que ele consiga entrar em contato com Hardy Vicks. Eu não me importo se ele tiver que ser tirado da cama. Eu preciso de auxílio.

Ela respirou e disse: Meu papai me ensinou como atirar.

Ele sorriu suavemente, segurou-a nos braços e se curvou para beijá-la com um prazer enorme. —Eu não arriscaria você nem por todo o chá da China, amor, ele sussurrou, e a beijou novamente enquanto ela sorria para ele.

—Não leve um tiro, ela o preveniu firmemente.

Suas sobrancelhas se ergueram. —Eu não me atreveria. Vá.

Ela subiu pela escadaria e ele desligou as luzes. Um minuto mais tarde, ele saiu pela porta, e o homem cordial de minutos antes foi substituído por um oficial federal treinado, com nervos de aço e anos de experiência em situações arriscadas.

Existia, felizmente, suficiente cobertura para mantê-lo escondido. Ele se moveu do quintal de sua mãe, para a garagem, chegando à casa ao lado, alcançou a sua garagem e uma moita pequena de arbustos que levava a rua. A visão do celeiro de Mary estava obstruída por uma plantação de árvores e arbustos de cerejas silvestres, permitindo que ele deslizasse através da rua pavimentada. Entretanto ele precisava esperar por um barulho que camuflasse seus passos.

Ele esperou até que soou o rugido alto e súbito de um caminhão que ia ao longo da estrada alguns metros adiante, para disfarçar seus movimentos. E correu ao lado do celeiro, segurou sua arma, liberou a trava de segurança, e esperou por outro barulho.

Não demorou a vir. Ele ouviu um sussurrante movimento dentro do celeiro, como se alguém estivesse se debruçando contra uma parede.

Seu coração estava tão acelerado em seu tórax que ele tinha a impressão de que seus batimentos poderiam ser ouvidos a um quarteirão de distância. Ele fechou seus olhos para se concentrar no que ele podia ouvir.

O som sussurrante aconteceu novamente. Houve um lampejo de movimento, apenas audível.

Curt tinha levado um tiro uma vez, no início de sua carreira. Tinha sido um ferimento no ombro em um tiroteio com traficantes na Cidade de Nova Iorque. Era o pior momento possível para se lembrar do quanto se machucou. Ele não podia pensar sobre a dor. Ele tinha que pensar sobre sua mãe e em Mary.

Ele respirou rapidamente por duas vezes quando ouviu o eco de outro grande caminhão. É agora ou nunca, Russell, ele disse a si mesmo firmemente. Ele apertou seus lábios, tomou outra respiração, e se apressou para o celeiro.

Um homem grande, corpulento, com cabelo preto ondulado, ofegou e levantou as mãos ao brilho da luz da lâmpada da rua mais próxima.

—Não atire! — O homem gritou.

O sangue de Curt estava bombeando loucamente. Ele tinha a pistola apontada no abdômen do homem. —Agente federal — ele cortou. —Se identifique!

—Abe... Abe—Hunt! —



Curt fez uma carranca. — Hunt?

— S... Sim! Você poderia, uh, baixar essa coisa?— Ele gaguejou, indicando a pistola com um aceno da cabeça.

Curt abaixou com uma maldição. — Seu idiota! Eu podia ter atirado em você! Que diabo você está fazendo aqui?

— Tentando correr mais que Daniels— Hunt gemeu, olhando a seu redor de modo selvagem quando ele foi em direção a Curt. — Homem, você é lento como Matusalém! Você não conseguiu a mensagem? Eu enviei o cachorro...!

Curt não deu atenção. — Onde você tem estado nesses dias todos?— Ele exigiu. — Você não estava aqui! O maldito cachorro não deu um pio. Bem, até agora — ele adicionou, quando o cachorro de repente começou a latir e uivou tão ruidosamente que ele podia ser ouvido até pelas paredes da sala de estar de Matilde Russell.

— Oh, meu Deus!— Hunt exclamou. — É ele! É Daniels! Redbone o cheira...!

Curt não iria perguntar como o cachorro podia cheirar um homem através de uma casa. Tinha visto sabujos seguirem pessoas em carros. Eles detectavam o cheiro da pele até pela janela aberta de um carro em movimento, embora a maioria das pessoas não pudesse acreditar nisto.

— Abaixa-se!— Curt gritou, empurrando Hunt à frente dele para o chão do celeiro, que estava empoeirado e sujo, mas que, acima de tudo, era seguro. No momento, pelo menos.

Hunt começou a falar, mas Curt deu um leve golpe contra seu braço, silenciando-o.

Seus olhos estavam se acostumando à escuridão. Sua batida do coração o estava ensurdecendo, mas ele sabia de suas capacidades.

Se ele pudesse conseguir um vislumbre do homem que os vigiava, ele poderia pegá-lo. Ele era um atirador experiente. Claro, existiam outros perigos—por exemplo, o homem, Daniels, podia apenas atear fogo ao celeiro colocando fim na disputa.

Velho, seco, cheio de material combustível, inflamaria em segundos com ambos os homens presos do lado de dentro.

Curt estava escutando. Se o homem acendesse um fósforo, no silêncio irrompível exceto pelo cachorro uivador, ele poderia ouvir. Ele tentaria atirar através das paredes se ele tivesse oportunidade. Mas ele não ouviu um fósforo.

Ele ouviu uma pisada leve, apenas um eco de uma folha amassando. Ele fechou seus olhos, ciente da respiração rápida de Hunt, próxima a ele. Ele cutucou em Hunt novamente e fez um movimento com seu dedo para seus lábios. Hunt controlou sua respiração.

Curt escutou, amaldiçoando agora o som de outro caminhão pesado passando ao alcance de seus ouvidos, porque ele estava mascarando os sons mais próximos.

Hunt estava ainda vivo. O assassino poderia ter recuperado qualquer evidência que Hunt pudesse usar para condenar o chefe de máfia, mas o próprio Hunt era considerado um prego no caixão do homem. O assassino faria tudo para silenciar essa prova, e Curt sabia disto.

Ele teria que proteger Hunt, não importava a que custo.



Ele esperou na penumbra, o corpo preparado para a ação, seus ouvidos atentos, todos os seus reflexos afinados para se adiantar. Mas, quando o ataque ocorreu, foi de uma fonte totalmente inesperada. Apenas um leve rangido o anunciou.

Foi o suficiente. Curt rolou sobre suas costas e disparou acima de sua cabeça, no celeiro onde nada era visível.

—Seu idiota, por que está atirando?...Cuidado!— Hunt gritou, e rolou depressa para fora do caminho.

Enquanto ele falava, uma forma escura se precipitou para baixo com o som de disparos de armas automáticas estourando no silêncio durante segundos preciosos. Curt sentiu uma facada no braço enquanto ele disparava repetidamente. Houve um grunhido alto e, em seguida, a forma escura caiu. A arma de fogo cessou. Quase simultaneamente, sirenes soaram quebrando o silêncio.

—Você está bem?— Curt perguntou a Hunt, que estava se arrastando sobre seus pés com suas mãos em sua garganta.

—Sim, o homem conseguiu dizer. — E você?

Curt não estava certo sobre isto. Mas não perdeu tempo verificando. Moveu-se para o homem caído, o empunhando rapidamente a pistola em seu peito. Uma arma automática ainda estava presa em uma de suas mãos sem movimento. Havia uma mancha escura na frente do terno do homem. Ele não estava se movendo.

Curt se curvou, surpreso com a dor que sentiu ao se movimentar, e arrancou a arma automática dos dedos fechados do homem, deixando-a fora de alcance, por via das dúvidas.

—Obrigado, cara, você salvou minha pele!— Hunt exclamou. Ei, você está sangrando...!

Curt caiu sobre seus joelhos. Devia estar machucado, ele pensou vagamente. Seu braço parecia pesado. E molhado, também. Ele sentiu outra dor, mais abaixo e do lado.

—Russell! Russell, você está aí?— Ouviu uma voz alta e familiar.

—Jack, ele sussurrou. Ele não podia conversar mais alto. Engraçado.

—Ele está ferido! Entre!— Hunt gritou, se curvando acima de Curt e o impedindo de cair de cabeça.

Houve passos apressados, o som de armas sendo destravadas e o barulho dos equipamentos.

—Curt!— Mary Ryan exclamou.

—Senhorita Ryan, você não devia...!— O chefe de polícia protestou.

Foi inútil. Ela foi direta para o lado de Curt, tocando-o com as mãos trêmulas, verificando-o.

—Ele foi baleado. Duas vezes eu penso, ela disse depressa. —Onde estão os paramédicos?

—Logo atrás de nós, — disse um dos membros da equipe da SWAT. —Se apressem, rapazes!— Ele chamou os dois homens com uma maca.

—Este é Erskine Daniels — Hunt estava dizendo aos policiais, apontando para o homem abaixado, que estava mal, mas, vivo. —Eu sou a testemunha federal, Abe—Hunt. Eu sei bastante



sobre o que está acontecendo em Atlanta. Eu vi o chefe da máfia assassinar outra testemunha federal e o lançar no Chattahoochee. Você me consegue um lugar seguro, e eu cantarei como um pássaro! Mas conserte aquele sujeito primeiro, sim?— Ele adicionou, movimentando a cabeça em direção a Curt. —Ele salvou minha vida!

—Nós o consertaremos, um dos paramédicos prometeu, trabalhando para espalhar luz segura para um oficial de polícia. —Ele foi baleado duas vezes, uma vez no ombro e uma vez no lado, mas eu acredito que ele vai ficar bom.

—Oh, Graças a Deus— Mary Ryan gemeu.

Ouviram-se alguns uivos, e Matilde Russell entrou no celeiro.

O chefe de polícia levantou suas mãos. —Esta é a minha cena de crime!— Ele gritou.

Matilde sorriu para ele e caminhou direito para seu filho, se ajoelhando. —Meu pobre menino,— ela disse, tocando em seu rosto frio. —Você ficará bom, filho. Muito bem! Nós podemos fazer algo por você?— Ela falou, ignorando os paramédicos e o amaldiçoar do chefe de polícia.

Mas Curt estava mergulhado na inconsciência misericordiosa em uma onda de náusea.

Ao lado dele, o grande cachorro vermelho estava lambendo seu rosto.

—Redbone, seu grande descarado, Abe—Hunt exclamou com uma risada. —Eu mando você levar uma mensagem que poderia me salvar, e o que você faz? Você fica com estranhos e me esquece!

—Ele é seu? — Matilde Russell perguntou depressa.

Hunt confirmou. — Ele era — ele adicionou tristemente. —Eu acho que eu não o posso levar comigo para onde eu estarei indo. Certo, rapazes?— Ele perguntou ao recém chegado na cena, o Senhor Hardy Vicks, do FBI.

—Está certo, o homem mais velho concordou. —Maldição, este é Russell! Ele exclamou quando viu Curt no chão. —Ele está morto?— Perguntou depressa.

—Claro que ele não está morto!— Sua mãe esbravejou. —Ele é meu filho. Ele é um Russell. Você teria que pôr uma estaca em seu coração primeiro. São apenas pequenos fragmentos de ferimentos na carne dele.

—Suponho que sim, Vicks murmurou sarcasticamente.

—Eu era um repórter. Na realidade eu estava cobrindo uma revolta em Atlanta, a Sra. Russell disse a ele com altivez. —Levei duas balas, uma na parte superior da perna direita. Faltou menos de um centímetro para acertar o osso.

Ele estava impressionado. Ele se moveu mais próximo. —Você é mãe dele, você disse?— Ele perguntou.

—Sou.

Ele a estudou de perto. —Ele não é ruim, ele murmurou, alcançando Curt um olhar quando Mary Ryan caminhou ao lado da maca dos paramédicos. —Eu tenho que admitir que estou impressionado. Ele pegou um assassino e salvou uma testemunha do governo, tudo sozinho, segundo o que os policiais me disseram.



—E foi— Matilde concordou. Ela estudou o homem mais alto. Ele era mais velho que ela. Calvo, mas isso não era uma coisa ruim. Ela achava homens calvos bastante sensuais. Ela sorriu. — Eu suponho que você não daria a uma senhora velha uma carona para o hospital? Mary irá com ele na ambulância. Não haverá espaço.

—O prazer seria todo meu!— Ele respondeu. —Mas eu não vejo quaisquer senhoras velha, e complementou corajosamente: —Eu sou divorciado. Você é casada?

Ela agitou sua cabeça. —Eu fiquei viúva anos atrás.

Ele sorriu. — Eu também tomei um disparo uma vez.

Ela sorriu, olhando preocupada para seu filho quando eles o moveram. —Eu preciso ir ao hospital. Mas eu tenho que resolver algo sobre o cachorro, ela murmurou vagamente, olhando para Abe—Hunt.

—Você pode ficar com ele — Abe - Hunt disse com um sorriso. —Eu fico feliz de saber que ele terá uma boa casa.

—Obrigado, Sr...?—

—Hunt— ele se apresentou. —Abe—Hunt. E se você precisar de alguma coisa, qualquer coisa mesmo, você só precisa deixar aquele sujeito saber. Ele indicou o Agente Especial encarregado, Vicks. —Ele pode me transmitir o recado. Eu conheço pessoas por toda parte.

Matilde o imaginava como um homem estranho aparecendo em sua porta com um taco de beisebol oferecendo para quebrar pernas de agressores em potencial. Ela pigarreou. — Obrigado, Sr. Hunt. Eu cuidarei de seu cachorro.

—Ele é um grande estúpido, mas tem um bom coração. — Ele se curvou para acariciar o cachorro antes de ser levado por dois homens que acompanharam o SAC.

—Vamos, Big Red — Matilde disse ao grande cachorro, puxando-o pela coleira.

—Aqui, deixe-me fazer isto. Ele é um pouco pesado para uma mulher pequena e delicada como você— Vicks ofereceu, pegando a correia. —Eu ouvi dizer que você tem uma mesa de bilhar!

Curt acordou horas mais tarde com muita dor. Ele abriu seus olhos. Sua mãe e Mary Ryan estavam sentadas ao lado da cama conversando animadamente.

—Ele tem primos em Cordele — Matilde observou, —onde meu tio vive. Imagine isto! E ele ama bilhar. Eu o convidei para jantar sexta-feira à noite. Curt já estará fora do hospital até lá. Você pode vir também, querida, e eu farei um pouco mais de pãezinhos.

—Eu gostaria muito — Mary respondeu.

—Quem tem... Primos em Cordele?— Curt questionou em um sussurro rouco.

—O seu chefe, querido, o agente especial encarregado, Hardy Vicks. Eu estou muito impressionada com ele— ela acrescentou. —Ele disse que você fez um ótimo trabalho.

—Ele tem um forte motivo. Ele gosta de bilhar — Curt murmurou com todo o humor que ele podia reunir, então ele gemeu. —Como dói...

—Aquilo ali te injeta analgésicos automaticamente, sua mãe disse, indicando os Intra Venosos (IV) que saíam da complicada máquina que lhe bombardeava líquidos.



— Deveria estar começando a trabalhar brevemente. Ele suspirou fortemente. Seu braço pareceu estranho. Sua barriga doía.

—Não puxe naquele IV, Mary disse, deitando uma mão gentil em seu braço. — Só fique quieto e logo acabará. Você estará em casa antes de perceber.

Ele abriu seus olhos e a olhou com um sorriso lânguido. —Eu levei um tiro.

Ela deu de ombros. —Ninguém é perfeito. Você salvou o Sr. Hunt. O assassino era procurado por pelo menos mais dois assassinatos.

Seus olhos escuros se estreitaram. —Ele teria matado você e o Sr. Hunt se você não tivesse boa audição. Ele estava esperando no sótão. Só esperando. Ele sabia que Hunt voltaria. As únicas pessoas queridas que Hunt tem no mundo são seu primo e aquele cachorro vermelho grande. E Hunt nos disse que ele não podia deixá-los. As saídas de Hunt para fora do celeiro não eram só tentando proteger a si mesmo do assassino, mas ao seu primo também. E era nisso que Daniels estava apostando. — Ela fechou seus olhos por um momento. —Ele teria matado você, ela repetiu.

Curt pegou a mão suave na sua e apertou fortemente. —Não era minha hora— ele disse roucamente.

—Eu estou contente— ela respondeu, seu coração em seus olhos.

—Mary virá jantar na sexta-feira— Matilde observou, encantada, em sua proximidade aparente. —E também o Agente Vicks — ela lembrou a eles.

—Nós podemos jogar bilhar — Mary ofereceu.

Ele olhou para ela. —Você pode jogar bilhar enquanto eu assisto — ele corrigiu. —Eu darei a você algumas dicas. Eu quero que você dê uma lição em Vicks. Ele pensa que eu sou um idiota.

—Não é verdade. — Matilde disse com segurança. —Na realidade ele fez um relatório brilhante sobre você e o recomendou para promoção.

Mary o olhou preocupada. —Sim, ele disse algo sobre lhe darem uma posição muito melhor em uma cidade maior.

Ele não estava absolutamente lúcido, mas ouviu a decepção no seu tom. —Querida, existem bastante trabalhos para promotores assistentes nas cidades por toda parte do país, ele disse confortando-a.

—Sim, mas eu trabalho no Município de Lanier — ela gemeu.

Ele enlaçou seus dedos com os dela e fechou seus olhos. —Nós conversaremos sobre isso quando eu sair daqui. Eu estou tão sonolento...

Ele adormeceu novamente, ainda segurando apertado a mão de Mary.

Matilde deu um curioso, mas aprovador, olhar. —Eu penso que ele está fazendo planos.

Mary sorriu devagar. —Eu não me importaria.

—Ele é um bom filho. Ele dará um marido maravilhoso.

—Ele pode não ter pensado nisso — Mary lembrou a ela.

Matilde só sorriu.



Vários dias depois, Curt ainda estava com curativos nos cortes, mas sentou-se ao redor sua mãe na sala de estar com o grande cachorro a seus pés.

—Imagine enviar provas em um cachorro — ele observou para as pessoas que estavam na sala com ele.

—Era uma boa idéia, Vicks disse preguiçosamente, bebendo café no sofá depois de uma grande ceia. —Mas, ninguém esperaria que um cachorro estivesse levando segredos. É como aqueles tubos de mensagem que eles amarravam aos pombos correios durante a I Guerra mundial.

—Eles realmente premiaram um pombo com uma medalha na França, Matilde esclareceu. —Ele levou uma mensagem que evitou que as tropas Americanas disparassem sobre uma área até que os franceses pudessem recuar seus homens.

—Ela é cheia de pequenos fatos assim — Curts a provocou.

—Você devia escrever um livro, o agente Vicks disse a ela. — Todas essas trivialidades reunidas em um artigo de não-ficção.

—Um livro... Ela meditou.

—Claro! — Vicks devolveu sua xícara de café. —Eu conheço um sujeito que costumava trabalhar para a Interpol — explicou. —Ele me falou sobre uma conspiração na costa da África Ocidental onde uma mulher loira seria vendida por meio milhão de dólares nos anos vinte.

—Oh, que venderia ficção — Curt disse sarcasticamente.

—Lembra-se dos Xeiques dos anos vinte e de Rudolph Valentino? — Sua mãe respondeu.

—Não são do meu tempo — ele provocou.

—Nem do meu, também, muito obrigada, mas ele tornou a leitura excitante, Matilde refletiu. —Eu gostaria de ouvir um pouco mais sobre isto.

—Eu estou ao seu dispor. Hum... Sobre aquela mesa de bilhar... — ele acrescentou.

Matilde riu. —Venha. Eu manejo um taco muito bem, apesar de tudo — ela o advertiu.

—Oh, eu adoro uma mulher que consegue manobrar um taco! — Vicks respondeu com uma risada.

Eles se desculparam e desceram para o porão.

Curt estava observando Mary silenciosamente e sem sorrir.

Ela se sentou ereta em uma grande poltrona, tentando não parecer tão desconfortável quanto se sentia.

—Bem, tudo está acabado agora, exceto o julgamento — ela disse. —Eu acho que eu não farei parte nele, porque ele será um caso federal. Mas eu realmente gostaria de estar no público...

—Mary — ele disse suavemente.

Ela parou em seco e ergueu ambas as sobrancelhas.

—Venha aqui.

Capítulo 6



Mary se sentou e olhou fixamente para ele. Ela era uma mulher moderna. Ela não aceitava ordens. E não fez o que ele mandou.

Ele sorriu devagar, seus olhos escuros cintilando. —Vamos...

Ela levantou sem compreender por que, e foi até ele.

Ele a puxou para baixo suavemente contra ele, estremecendo quando ela se moveu e posicionou sua bochecha contra o ombro que não foi ferido a bala.

—Dará um pouco de trabalho — ele murmurou quando se curvou — mas nós nos adaptaremos a isto...

Sua boca cobriu a dela. Ela tocou em sua bochecha quando ele a beijou. Ela sorriu aquecida sob a firmeza do seu beijo. Era como voltar para casa. Ela esteve preocupada com ele durante sua estada no hospital, embora tenha tentado não demonstrar. Agora que ela soube que ele se recuperaria, o alívio a despreocupou.

Ele a ajudou a cair no sofá, animado por sua resposta a seu próprio desejo. Tinha passado tanto tempo... Um tempo muito longo desde que ele quis tanto uma mulher.

Mas a dor dos ferimentos o estava inibindo. Ele gemeu e sua boca achou seu caminho para seu peito cobertos pelo tecido suave. E lá descansou com uma risada rouca.

—Eu não consigo— ele sussurrou. —Eu quero, você não sabe quanto! Mas isso dói demais.

Ela suspirou e se alongou relaxadamente debaixo do corpo morno e duro. —Eu não estou com pressa. E você?— Ela o provocou.

Ele olhou para ela realmente emocionado. E tocou em sua boca suave, estudando-a atentamente. —Eu não tenho aventuras. Minha mãe me criou muito rigorosamente.

—Meu pai me criou com muito rigor, também— ela respondeu com um sorriso. —Eu acho que isso significa que nós não podemos fazer sexo no sofá da sua mãe.

Ele confirmou com a cabeça.

—Eu tenho um sofá.

Ele a olhou. —Como você disse, nós não estamos com pressa. — Ele se curvou novamente e suavemente a beijou. —E eu agora, estou oficialmente de licença médica.

—Você está dizendo algo?

—Sim. Nós podemos tentar conhecer um ao outro.

—Isso poderia ser divertido.

—Realmente poderia. — Ele se curvou novamente, e a beijou com avidez, mal notando uma pressão contra seu corpo até que se sentiu molhado.

—Eu estou sangrando?— Ele murmurou contra sua boca.

Ele ergueu e o examinou. Quando ele se sentou, lá estava o cachorro. Babando no quadril de Curt.

—Nós precisamos fazer algo a respeito desse cachorro— Curt murmurou quando o cachorro o olhou.



—Eu tenho uma idéia— Mary respondeu, mas ela não diria o que era. Não então, pelo menos.

Três meses mais tarde, durante uma pausa nas novas atividades de Curt no escritório do FBI em Atlanta; no Edifício Federal de Richard Russell, ele e Mary Ryan se casaram em uma pequena cerimônia informal em Lulaville com a presença da polícia e da SWAT, junto com o pessoal do Tribunal do Município de Lanier e o escritório do FBI local. De fato, Hardy Vicks se sentou com a família, muito perto de Matilde Russell, que pareceu mais jovem e mais feliz do que seu filho já a tinha visto em anos.

O cachorro, enfeitado com flores, sentou na frente da igreja com um dos porteiros e foi levado em um carro esporte que pertencia ao Agente Vicks, junto com Matilde Russell, depois do casamento.

—Eles queriam que nós fôssemos para uma recepção— Curt disse a Mary com uma risada curta. —Mas eu disse a eles que nós teríamos que nos apressar para pegar um avião.

—Nós?— Ela perguntou, sentando ao lado dele no banco dianteiro de seu sedan preto.

— Foi apenas uma força de expressão — ele respondeu, dirigindo mais rápido.

Apenas quarenta e cinco minutos mais tarde, Curt fazia as verificações em um dos principais hotéis no noroeste de Atlanta. Porteiros uniformizados se reuniram na porta para pegar sua bagagem, enquanto um frentista estacionava o carro.

—Nós temos reservas— ele disse ao balconista com um sorriso malicioso para Mary, que lhe olhou com os olhos arregalados. —Sr. e Sra. Curt Russell — ele informou.

—Sim, senhor — o balconista respondeu com um sorriso agradável e um olhar significativo. —Oh, a propósito, parabéns!

—Obrigado — Curt respondeu, sorrindo radiante para sua noiva.

Depois de terem se registrado, o camareiro os conduziu com suas bagagens para a direita, por um corredor. Enquanto eles entravam no corredor para pegar o elevador, escutaram o som alto de um canto que vinha da sacada acima deles.

—Os marinheiros voltaram ontem à noite, — o camareiro disse a eles. —Eles, bem... Gostam de cantar essa canção. Qualquer um que entra no elevador com acabam cantando isto, também.

Mary desatou a rir. —Você está brincando!

A porta do elevador abriu e dois marinheiros, um homem e uma mulher, ambos sargentos, giraram para examinar os novos hóspedes.

Curt segurou a mão de Mary, tranquilizando-a quando as portas fecharam.

—Nós gostamos de cantar — o marinheiro disse.

—Muito! — A sargento concordou, se aproximando. Ela media facilmente um e oitenta.



—Não é uma coincidência?— Mary perguntou, movimentando a cabeça. —Eu gosto muito de cantar, também!— E imediatamente começou: “Acima da colina, acima do vale, acima da trilha da montanha fiel...!”

—Não — o marinheiro disse de uma vez, agitando sua cabeça. —Não, não, não, isto é a canção do exército. Você tem que cantar a nossa canção.

Ela olhou fixamente para ele. —Eu acabei de me casar. Nós podemos cantar a ‘Canção do Casamento’ ao invés disso?

Antes que terminasse de falar, o elevador parou no próximo andar, a porta se abriu, e mais quatro marinheiros o lotaram, ficando apenas o espaço suficiente para que todos os ocupantes, mais o portador de bagagem e o mensageiro do hotel, respirassem,

—Ela acabou de se casar — a sargento disse alto. —Ela disse que quer cantar a 'Canção do Casamento'!

Os novos passageiros piscaram. Ambos estavam com grandes garrafas de vinho, faltando apenas uma polegada de líquido para acabar.

Eles os olharam.

—Certo!— Um deles concordou. —Vamos, marinheiros! Da da da DUM, DA da da DUM... — Ele parou e piscou para os outros. —Quais são as palavras?

—Não importa — Curt disse, balançando a cabeça. —É melhor a música de vocês mesmo. Vamos, querida, vamos cantar a canção marinha.

Ele levantou sua voz. — “Dos corredores de Montezuuuuuma...!”

As mãos tamparam cuidadosamente as orelhas. Botões foram apertados. O elevador parou e despejou quase uma companhia inteira de marinheiros.

—Por favor — a sargento pediu. —Nunca mais cante nossa canção novamente...!

As portas do elevador se fecharam depois desse apelo.

Curt desatou a rir. Depois de um minuto, então Mary e o camareiro começaram a rir também.

O camareiro abriu as cortinas, apontou o bar, a banheira de hidromassagem e os armários e partiu com uma boa gorjeta.

Curt trancou a porta atrás dele, deu a volta e mordeu o lábio, enquanto estudava sua bonita esposa em sua roupa branca.

—Reservas no hotel mais agradável na área da cidade? Ela murmurou com um sorriso radiante. —Eu amo você!

—Nada é bom o suficiente para minha garota— ele disse suavemente, caminhando em direção a ela. —Você é a noiva mais bonita da Geórgia, e eu te amo com loucura.

—Eu amo você, também— ela admitiu, jogando seus braços ao redor de seu pescoço. Ela suspirou. —Agradeço Deus que você não tenha morrido naquela saraivada de balas. Eu estou tão contente que você tenha se recuperado sem sequelas. Foi um casamento maravilhoso. E agora, aqui estamos... Só nós, com nenhum caso de tribunal pendente e nenhum fugitivo para procurar.

Ela suspirou novamente, embora sua expressão fosse travessa. —O que nós devemos fazer com o resto do dia...?



Os lábios dele se uniram e ele a beijou com avidez. Seu namoro tinha sido, em grande parte, à moda antiga.

Foi, portanto, como se dizia, um longo período de seca.

Com os lábios entreabertos, ela avidamente se aconchegou para abraçá-lo, sentindo seu corpo se retesar com desejo quando ela respondeu a seus beijos longos e lentos.

Ele parou de repente de provocá-la, quando a ergueu e a levou para a grande cama de tamanho *king-size*. Entre mornos e demorados beijos, ele foi se livrando dos obstáculos, inclusive da arma de fogo de tornozelo que ele nunca ficava sem.

—Você está usando uma arma de fogo em nossa lua de mel?— Ela exclamou, se sentando.

Ele empurrou suas costas para baixo novamente. —É só uma precaução.

—Contra o que, pelo amor de Deus?

—Intrusos cantando o hino dos marinheiros... Venha cá!

Ele a girou e sua boca esquadrinhou todos os seus pontos mornos, suaves e secretos, fazendo seu corpo cantar com alegria.

Ele gostou dos pequenos sons que ela emitiu quando sua boca cobriu seus seios e ele os sugou. Ele gostou do modo que suas longas e elegante pernas se envolveram em torno das suas, do modo que seu corpo se ergueu para recebê-lo na intimidade.

Ele queria continuar possuindo-a para sempre, mas estava muito ávido. Suas mãos se moveram na mais delicada persuasão e ela se movimentou depressa para recebê-lo. Colou a boca na dela quando a possuiu, sentindo a ondulação de seu corpo, sentindo a lânguida vacilação quando ela o aceitou.

—Passou... Muito tempo — ela gemeu.

—Você era casada— ele sussurrou com voz rouca.

—Eu era casada quando eu tinha dezoito anos.

—Certo.

—Eu também me divorciei quando eu tinha dezoito anos.

—Então?

—Você é realmente tão insensível?— Ela exclamou, se erguendo em um arco súbito quando sua boca a tocou em um lugar inesperado.

A idéia, de repente, o atravessou. Ele ergueu sua cabeça bruscamente para encontrar seus olhos tímidos. —Você quer dizer... Você não fez mais desde que você tinha dezoito anos?!

—É... Eu sou antiquada — ela respondeu.

Ele soltou a respiração de forma irregular. —Eu amo mulheres antiquadas — ele murmurou, mirando os olhos dela com os seus cheios de sentimentos. Seus quadris se moveram abruptamente, e ele sorriu em sua expressão. —Quantos anos ele tinha?

Ela engoliu: — Dezoito.

Seu corpo se equilibrou. —Dezoito!?!.

—Sim, e eu fui sua primeira amante.

Ele a olhou como se tivesse engolido o travesseiro. —Oh!...



Ela experimentou se mexer. —Nenhum de nós sabia muito, e eu não gostei muito, daí eu realmente não senti falta disto quando nos separamos. — Ela se moveu novamente, ofegando. — Mas eu gosto disto... Com você. Eu amo isto com você!— Suas unhas arranharam suavemente debaixo de suas costas. —Você podia fazer isto novamente? Aquilo que você fez quando eu ofeguei?

—Mas você não parou de ofegar, ele ressaltou. —Não que eu esteja reclamando!— Não estou brincando. Seria necessária metade de um dia em uma funerária para tirar o sorriso de seu rosto se morresse agora mesmo. Ele se afastou um pouco. —Tudo bem. É isto o que você quer que eu faça...?

Dessa vez sua respiração realmente se alterou e suas mãos tornaram-se frenéticas, agarrando-se a ele onde quer que ela pudesse conseguir, enquanto ele lhe ensinava novas formas de experimentar a sensação.

Em algum momento, no meio da lição, algo se tornou feroz e urgente. Ela estendeu a mão para ele e sentiu seu corpo explodir em minúsculas fagulhas. Ela soluçava sem parar, agarrando-se a ele, lentamente, até que ela tomou consciência do homem que estremecia a seu lado, a respiração ofegante em seu ouvido.

Minutos mais tarde, ela observou, lentamente, o teto acima dela. Ela se sentiu drenada, sensualmente exausta, e muito orgulhosa de si mesma. Aparentemente ela era incrivelmente boa nisto, adequada, porque ele certamente apreciara isto. Ela podia afirmar, mesmo sem ter muita experiência.

—Eu posso desistir da lei e viver disto de agora em diante— ela murmurou fechando os olhos. —Eu definitivamente tenho potencial!

Ele riu. —Você pode apostar uma rosa nisto!

Ela esfregou uma perna lentamente contra a dele. —Você tem um bom potencial, também — ela disse sensualmente. —Talvez nós possamos esticar nossa lua de mel por outros quatro ou cinco meses?

Ele riu alto. —Agora, é a isso que eu chamo incentivo!

Ela rolou sobre seu tórax e o beijou suavemente. —Eu quero manter o cachorro.

Era a última coisa que ele esperava ouvir. Seus olhos quase saltaram. —Você quer o quê?

—Eu quero ficar com Big Red. Sua mãe realmente não tem quarto para ele, mas nós podíamos viver em minha casa e cercar o terreno e o jardim, e ele podia ter muito espaço para correr.

—Oh, não. Não “o” cachorro. Não “aquele” cachorro...!

—Por favor?— Ela murmurou, beijando seu tórax. —Um favorzinho... — Ela beijou o mamilo duro dele e começou a sugá-lo suavemente. Ele estava se debatendo e respirando forte e começando a ofegar. — Te imploro...

—Certo, você pode ter o cachorro. Isto, e qualquer outra coisa que você quiser— ele se conteve quando se moveu para cima dela intencionalmente. —Qualquer coisa!

—O cachorro,— ela concordou, conseguindo beijá-lo quando ele se moveu possessivamente. —E uma... Coisa mais...



—O que?— Ele arquejou.

—Nunca mais... Cante... A canção marinha novamente.

—Nunca mais...?

Quando ela o beijou apaixonadamente, ele parou de pensar ou conversar sobre aquele pedido.

Três horas mais tarde, eles deitaram juntos se espreguiçando na cama, totalmente exaustos e quase adormecidos. —Você disse que nós estávamos nos apressando para pegar um avião — ela lembrou a ele com um sorriso. —Que avião rápido esse!

—De vôo alto, também — ele murmurou com uma risada cansada. Ele a puxou para ele e a beijou com sua última onça de força. —Da próxima vez, nós tentaremos ultrapassar a barreira do som.

—Da próxima vez — ela concordou, fechando seus olhos.

Ele estava quase dormindo quando o telefone tocou.

Ele o atendeu, murmurando no receptor. —Ummhmmm — ele disse. —Ummhmmm. Ummh... O que?!? Ele se sentou em cima da cama. —Você está brincando!...

Mary abriu seus olhos e observou sua reação às notícias que eram, obviamente, chocantes. Ele falou em monossílabos e, finalmente rindo e desejando a outra pessoa sorte, prometeu retornar a ligação mais tarde.

Ele desligou o telefone e deitou de volta, olhando- a, surpreso.

—O que houve de errado?— Mary lhe perguntou suavemente, debruçando-se em cima dele, traçando desenhos imaginários em seu tórax.

—Eles não quiseram desperdiçar o ministro e as decorações na igreja — ele disse exaltado. —Existia um público, também... Então eles foram em frente.

—Eles quem?

—Minha mãe e o Agente Vicks— ele disse em um suspiro. —Eles se casaram!

—Eles o fizeram!— Ela exclamou, com os olhos arregalados.

—Eu acho que existem coisas piores que ter dois agentes do FBI na mesma família—disse ele, olhando para ela.

Ela parecia desconfortável.

—Sim?— Ele iniciou.

—Você sabe... Papai não pôde vir para o casamento, embora nos tenha mandado aquela fita de parabéns— ela comentou.

—Sim.

Ela pigarreou. —É porque ele está na Virgínia.

—Na Virgínia...

Ela movimentou a cabeça.

Ele fez uma careta. —Onde, na Virgínia?

—Eu penso que eles chamam de Quântico?

—Não. Oh, não. Não!



Ela fez uma careta. —Ele é da polícia a vida inteira, você sabe... Agora ele tem um genro no FBI... E ele quis manter isto na família.

—Ele vai se juntar ao FBI!— Ele exclamou.

Ela se aproximou. —Bem, sim. Então agora somos realmente uma família de agentes, não é?— Ela meneou seus dedões do pé e sorriu quando ele pôs sua boca suavemente em cima da dela. —E, ontem mesmo, eu preenchi um formulário de candidatura...!

Ele deu a volta e se aproximou de propósito. —Eu não quero ouvir isto— ele disse a ela. —Nenhuma outra palavra.

—Mas, Curt — ela provocou, os olhos marrons grandes cintilando com humor.



—Não. Nós pegaremos os bandidos e você os processará. Negócio fechado?— Ele provocou de volta.

Ela riu. —Eu estava só brincando... — ela confessou.

—Mas você tem que admitir, seria a história do século...

—Nós faremos uma história maior e melhor, espere e verá.

E eles fizeram. Vinte e cinco anos mais tarde, seus dois filhos e sua filha estavam todos três entrando no FBI como agentes especiais, no mesmo dia, com seus pais orgulhosos, e avós, por testemunhas.

*** Fim***